Sol e Mar

ENSAIO

✦

Os Que Ele *Encontrou*

Doze pessoas que cruzaram com Jesus
e o que restou desses encontros

VOLUME VII

MMXXVI

EDIÇÃO GRATUITA · NÃO COMERCIAL

EDITORA SOL E MAR · VOLUME 007

Os Que Ele *Encontrou*

✦

Doze pessoas que cruzaram com Jesus e o que restou desses encontros.

Os Que Ele Encontrou

Editora Sol e Mar · Brasil · 2026

Distribuição gratuita em PDF e EPUB.

Sem cadastro, sem custo.

Creative Commons · uso não comercial.

Compartilhe com quem precisar. Não venda.

Citações bíblicas: João Ferreira de Almeida,
revista e corrigida, em domínio público.

contato@solemar.com

Um sol não cobra para nascer.
O mar não cobra para existir.

ANTES DO COMEÇO

"E, olhando para ele,
Jesus o amou."

MARCOS 10.21

✦

É a única vez, em todo o evangelho de Marcos, em que isso é dito de uma pessoa específica. E é dito a respeito de um homem que, três versículos depois, vai embora.

CONTEÚDO

Sumário

Doze encontros, na ordem em que o dia clareia: do homem que só teve coragem de aparecer de noite ao café da manhã numa praia, ao amanhecer.

01
O Homem Que Veio de Noite
Nicodemos · João 3, 7 e 19

02
A Conversa Mais Longa
A mulher no poço de Sicar · João 4

03
Os Quatro Que Abriram o Telhado
O paralítico de Cafarnaum · Marcos 2

04
Chamado no Meio do Expediente
Mateus, na coletoria · Mateus 9 · Marcos 2 · Lucas 5

05
A Que Chegou Por Trás
A mulher que tocou o manto · Marcos 5

06
A Cozinha e a Sala
Marta e Maria, em Betânia · Lucas 10 · João 11 e 12

07
O Que Foi Embora Triste
O homem rico, na estrada · Marcos 10

08
Mandaram Que Ele Calasse
Bartimeu, à saída de Jericó · Marcos 10

09
O Homem na Árvore
Zaqueu, em Jericó · Lucas 19

10
Quando a Multidão se Dispersa
A mulher acusada, no pátio do templo · João 8

11
A Última Hora
O condenado ao lado · Lucas 23

12
Café da Manhã na Praia
Pedro, ao amanhecer · João 21

ANTES DE COMEÇAR

Uma nota sobre o que é este livro

Este é um livro sobre doze encontros. Não é teologia, não é estudo bíblico e não quer convencer ninguém de nada. É uma leitura atenta de doze cenas curtas, algumas com menos de dez versículos, procurando o que elas mostram sobre gente.

Os evangelhos têm uma qualidade que se perde quando a gente os lê só como doutrina. Eles são cheios de pessoas de verdade, com problemas de verdade, que aparecem por meia página e somem. Um homem que sobe numa árvore porque é baixo. Uma mulher que chega por trás para não ser vista. Quatro sujeitos que quebram o telhado da casa de um desconhecido. Um rapaz que faz a pergunta certa, ouve a resposta e vai embora triste. São retratos, e são muito bons.

Quem tem fé vai encontrar aqui a sua fé. Quem não tem não vai ser convidado a fingir que tem. Os dois estarão diante do mesmo texto, e o texto é generoso o bastante para as duas leituras. Nenhuma frase deste livro exige que você acredite em alguma coisa para fazer sentido.

Cada capítulo termina do mesmo jeito. Depois do ensaio, há duas partes curtas: o que aquela pessoa aprendeu naquele dia, e o que a gente pode aprender com ela. São as páginas mais diretas do livro, escritas de propósito em linguagem simples, porque uma ideia que só funciona bonita não serve para muita coisa.

SOBRE AS CITAÇÕES

As passagens seguem a tradução de João Ferreira de Almeida, revista e corrigida, que está em domínio público. Isso é necessário num livro que a Sol e Mar distribui de graça. É uma tradução antiga, e a língua dela tem uma solenidade que às vezes atrapalha e às vezes é exatamente o que a cena pede.

Quando o português do século XIX escondia o sentido, preferi contar a cena com minhas próprias palavras e citar só a frase que importa. Todas as referências de capítulo e versículo estão indicadas para quem quiser conferir. E conferir é sempre melhor do que confiar.

Há uma ordem nos doze. O livro começa com um homem que só teve coragem de aparecer de noite e termina com um café da manhã numa praia, ao amanhecer. Entre uma coisa e outra passam doze histórias que vão saindo do escuro devagar. Não é uma escada moral. Ninguém aqui melhora de capítulo em capítulo. É só a hora do dia mudando.

Um último aviso. Em nenhuma dessas doze cenas o encontro produz o que a gente esperaria. O rico vai embora. A mulher do poço volta correndo para a cidade que a evitava. Pedro é restaurado com uma pergunta repetida três vezes, o que é gentil e cruel na mesma medida. Se você procura finais arrumados, não é aqui. O que tem aqui é gente sendo vista, que é uma coisa bem menos confortável e bem mais rara.

I

ENSAIO UM

O Homem Que Veio de *Noite*

Nicodemos · João 3, 7 e 19

> *Este foi ter com Jesus, de noite.*
>
> JOÃO 3.2

De todos os detalhes que João podia ter guardado sobre aquele homem, ele guardou a hora. Não o que Nicodemos vestia, não onde a conversa aconteceu, não quem mais estava na sala. A hora. Veio de noite. Duas palavras, e já sabemos quase tudo o que precisamos saber sobre ele.

Nicodemos era fariseu e fazia parte do conselho, a instância que julgava as questões religiosas do seu povo. Era de lá que saíam as decisões e as condenações. O texto diz que ele era um dos principais. Tinha nome, cargo e reputação. As três coisas custam anos para serem construídas e são fáceis de perder. Um homem assim não atravessa a cidade em plena luz para conversar com um pregador do interior sobre o qual todo mundo já tem opinião formada, e nenhuma opinião boa.

Então ele foi de noite. É aqui que a maioria das leituras erra o tom, porque trata o detalhe como acusação. Nicodemos, o covarde. Nicodemos, o que não teve coragem. É uma leitura possível e é uma leitura preguiçosa. Existe outra, mais interessante e provavelmente mais verdadeira: ele foi. Com medo, escondido, calculando o risco, mas foi. Muita gente com a mesma dúvida não saiu de casa naquela noite.

❦

Repare no que ele diz ao chegar. Não faz uma pergunta. Faz um elogio: sabemos que és mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais se Deus não estiver com ele. É uma frase cuidadosa, montada para não comprometer ninguém. Diz "sabemos", no plural, o que distribui a responsabilidade entre outras pessoas que não estão ali. Reconhece sem aderir. É exatamente o tipo de frase que um homem de conselho aprende a fabricar depois de vinte anos de reuniões.

A pergunta de verdade não é dita. Ela está por baixo, e quem já foi conversar com alguém à noite sabe qual era: *e agora, o que eu faço com isso?* Nicodemos não veio buscar informação. Ele já tinha informação. Veio

porque a informação que tinha estava incomodando, e a única saída para um incômodo desses é procurar a fonte dele pessoalmente.

A resposta que ele recebe não responde ao que foi dito nem ao que ficou escondido. Quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus. É uma frase atravessada, do tipo que só faz sentido depois. Não há acolhimento do elogio. Não há discussão dos sinais. Não há negociação. Há uma afirmação que desmonta a premissa inteira da visita. Você não veio aqui para ajustar a sua compreensão. Você veio porque precisa recomeçar.

A reação de Nicodemos é a parte mais humana da cena e a mais maltratada pelos comentaristas. Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, por acaso, tornar a entrar no ventre da mãe? Costumam ler isso como burrice, o teólogo que não entendeu a metáfora. Não é burrice. É a única resposta honesta possível para quem está levando o outro a sério.

Um homem de sessenta anos ouve que precisa nascer de novo e faz na hora a conta do que isso significaria. Não a conta poética. A conta real. Refazer a formação inteira. Rever o que ensinou a três gerações de alunos. Desmontar a posição que levou a vida construindo. Voltar ao ventre é a imagem exata do que ele está enxergando, e ele a formula com um espanto que é quase indignação. Você está pedindo o impossível. Sim, está.

Há ainda uma sutileza que a nossa língua não carrega. A palavra grega traduzida por "de novo" significa também "do alto". A frase é ambígua no original, e a ambiguidade não é defeito. É a estrutura da conversa. Nicodemos ouve "outra vez" e responde com biologia. Jesus estava dizendo "de cima" e responde com o vento: o vento sopra onde quer, você ouve o barulho dele, mas não sabe de onde vem nem para onde vai.

> *É uma frase para quem quer controlar o processo. E Nicodemos era um homem que passou a vida controlando processos.*

Nesse ponto a conversa se dissolve. João não registra despedida, não registra conclusão, não diz se Nicodemos ficou convencido. Ele simplesmente sai de cena e o narrador segue adiante. É um desfecho ruim para uma história e um desfecho excelente para a verdade, porque conversas assim terminam assim mesmo. Sem acordo, sem aperto de mão, com um dos dois voltando para casa na madrugada, remoendo.

❦

Só que ele volta. Quatro capítulos depois, o conselho está reunido para decidir o que fazer com aquele homem, e as coisas caminham para o lado ruim. Os guardas voltaram sem prendê-lo. Os fariseus estão irritados. Alguém diz a frase que fecha qualquer discussão: por acaso algum dos príncipes creu nele? É aí que Nicodemos abre a boca.

O que ele diz é minúsculo. Não é um testemunho, não é uma defesa, não é uma declaração de fé. É uma objeção de procedimento: *por acaso a nossa lei condena um homem sem primeiro ouvi-lo e saber o que ele fez?* Ele não defende Jesus. Defende o rito. É a menor coisa que um homem naquela posição poderia dizer sem se calar de vez.

E mesmo assim custa caro. A resposta que ele recebe é o escárnio: és tu também da Galileia? Na boca daqueles homens, isso era acusação de província, de sotaque, de ignorância. Uma frase para lembrá-lo de que a associação já tinha sido notada. Nicodemos se cala. O texto não diz que ele insistiu.

A terceira e última aparição está no fim do evangelho, e é por causa dela que vale contar essa história inteira.

Depois da execução, quando os discípulos já se dispersaram e a coisa toda terminou do pior jeito possível, aparecem dois homens para cuidar do corpo. Um é José de Arimateia. O outro é Nicodemos, e João faz questão de identificá-lo pelo apelido que ele nunca perdeu: aquele que antes tinha ido falar com Jesus de noite.

Ele traz mirra e aloés, cerca de cem libras, algo em torno de trinta quilos. É uma quantidade absurda. É quantidade de sepultamento de rei, o tipo de gasto que se faz por um monarca, e é uma quantidade que ninguém carrega discretamente. Não cabe embaixo do manto. Exige ajudante, exige carro, exige tempo. E tocar um cadáver, para um homem naquela função, significava impureza ritual pública, com prazo e consequência.

Ou seja: o homem que não conseguiu atravessar a cidade em plena luz para uma conversa terminou atravessando a cidade em plena luz carregando trinta quilos de perfume para um condenado. Ninguém o obrigou. Não havia mais nada a ganhar. O movimento tinha acabado, o mestre estava morto, e se associar a um cadáver de cruz não rendia prestígio a ninguém. Foi a primeira coisa que ele fez inteiramente à vista de todos, e foi a mais cara.

Há um jeito de contar essa história que a transforma numa lição sobre coragem, e eu preferiria não contá-la assim. O que ela mostra é outra coisa, menos edificante e mais útil. As pessoas chegam devagar. Chegam por caminhos que não têm nada de heroico, dando meio passo, recuando, voltando anos depois. Chegam fazendo uma objeção de procedimento quando não conseguem fazer uma declaração. Chegam de noite quando não conseguem chegar de dia.

A nossa impaciência com esse tipo de gente quase sempre é um erro de leitura. A gente confunde a hora da chegada com o tamanho do movimento. Alguém que aparece de madrugada, com medo, tendo calculado o risco e vindo assim mesmo, está fazendo um esforço maior do que alguém que aparece ao meio-dia porque ao meio-dia não custa nada.

E tem o detalhe que João guarda para o último capítulo em que Nicodemos aparece. Depois de tudo, ele continua sendo apresentado como o que veio de noite. Não ganhou nome novo. Não foi promovido a discípulo exemplar. Ficou marcado pela hora em que teve coragem de aparecer pela primeira vez. Olhando bem, isso não é vergonha nenhuma. É um começo. Todo mundo tem o seu, e quase nenhum acontece de dia.

O QUE NICODEMOS APRENDEU

Ele aprendeu que a conversa não ia caber no lugar que ele tinha reservado para ela. Foi buscar um esclarecimento e ouviu que precisava começar de novo. Aprendeu, naquela noite, que existem assuntos que não se resolvem acrescentando informação ao que a gente já sabe.

E aprendeu com o tempo, não com a conversa. Nada mudou naquela madrugada. Ele voltou para casa igual, seguiu no cargo, seguiu no conselho. O que ele descobriu ao longo dos anos é que dava para ir mais longe do que tinha imaginado, e que cada passo dado tornava o seguinte um pouco menos assustador. Da pergunta escondida à objeção tímida no conselho, e da objeção tímida aos trinta quilos de perfume carregados na rua, foram provavelmente uns três anos.

ENSAIO UM

Nicodemos

João 3, 7 e 19

O QUE A GENTE APRENDE

Que começar escondido continua sendo começar. Se você está adiando uma conversa, uma decisão ou um pedido de ajuda porque acha que a sua vontade ainda é pequena demais, ou envergonhada demais, ou tarde demais, olhe para Nicodemos. Ele fez do jeito errado, na hora errada, com medo, e mesmo assim fez.

Que a gente costuma julgar os outros pelo ponto de partida em vez de julgar pela distância percorrida. Sempre vai existir alguém que aparece de dia sem pagar nada por isso, e alguém que aparece de noite pagando caro. Os dois estão chegando. Só um deles está fazendo esforço.

E que mudança de verdade quase nunca é um acontecimento. É um trajeto lento, com recuos, que só fica visível quando você olha para trás depois de alguns anos e percebe onde estava no começo.

II

ENSAIO DOIS

A Conversa Mais *Longa*

A mulher no poço de Sicar · João 4

> *Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?*
>
> JOÃO 4.9

ENSAIO DOIS

A mulher no poço de Sicar

João 4

A conversa mais longa que os evangelhos registram entre Jesus e outra pessoa não é com Pedro, nem com João, nem com a mãe dele. É com uma mulher cujo nome a gente não sabe, num vilarejo estrangeiro, à beira de um poço, no meio da tarde. Ela nunca mais aparece. Ninguém escreveu nada sobre ela depois. É a interlocutora mais extensa do livro inteiro e não tem sequer um nome.

Vale começar pelo que a cena tinha de errado, porque era quase tudo. Ele era judeu e ela samaritana, e os dois povos carregavam séculos de desprezo mútuo, do tipo que se ensina em casa e não precisa de motivo atual. Ele era homem e ela mulher, e homens de bem não puxavam conversa com mulheres desconhecidas em lugar deserto. E tinha a hora.

O texto diz que era por volta da hora sexta, o que dá meio-dia. Ninguém tira água ao meio-dia. Tira de manhã cedo ou no fim da tarde, quando o sol perdoa e quando todas as outras mulheres estão lá. Buscar água era também o momento social do dia: a conversa, a notícia, a companhia no caminho de volta com o peso na cabeça.

Uma mulher sozinha no poço ao meio-dia é uma mulher que escolheu o pior horário justamente para não encontrar ninguém. O texto não diz isso. É uma suposição, e convém dizer que é uma suposição, porque livros religiosos têm o vício de transformar palpite em fato. Mas é uma suposição que qualquer pessoa que já evitou um horário para não cruzar com alguém reconhece na hora.

É para essa mulher, nesse horário, que ele diz a primeira frase. Dá-me de beber.

Repare na posição em que ele se coloca. Não abre com uma oferta, uma advertência ou um diagnóstico. Abre com um pedido. Está cansado da viagem, sentado, sem balde, e a única pessoa ali que tem como tirar água

do poço é ela. A conversa começa com ele precisando de uma coisa que só ela pode dar.

Isso muda tudo. Quem pede um favor entrega um pedacinho de poder a quem pode negar. Ele não chega como benfeitor de uma mulher em situação difícil. Chega como um homem com sede diante de alguém que tem água. A resposta dela mostra que entendeu perfeitamente a estranheza da coisa: como é que você, sendo quem é, pede a mim, que sou quem sou?

A frase dela é a melhor formulação do problema em todo o capítulo, e é dela, não dele. Ela diz a barreira em voz alta em vez de fingir que não existe. Não é uma mulher acuada. É uma mulher com resposta pronta, provavelmente porque a vida a obrigou a ter.

❦

O que vem depois é um diálogo em dois níveis, e a graça está no descompasso. Ele fala de uma água que tira a sede para sempre. Ela responde com engenharia: senhor, tu não tens balde, e o poço é fundo. É a mesma resposta que Nicodemos deu sobre o ventre da mãe. A objeção literal, prática, de quem está levando o outro a sério o bastante para conferir se a coisa se sustenta.

Ela então faz um pedido que é meio ironia e meio esperança. Dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede nem venha aqui tirá-la. Ou seja: se existe uma água que me poupe de vir a este poço todo dia ao meio-dia, eu quero. Tem um cansaço inteiro escondido nessa frase, e ele não é espiritual. É o cansaço de carregar peso sozinha no calor para não ter que encarar as vizinhas.

❦

É aqui que a conversa vira, e vira de um jeito que costuma ser mal contado. Vai chamar teu marido. Ela responde que não tem marido. E ele diz: falou bem, tiveste cinco maridos, e o que tens agora não é teu marido.

A leitura tradicional transforma isso numa denúncia de promiscuidade, e essa leitura está provavelmente errada, ou pelo menos apressada. Naquele mundo, uma mulher não escolhia casar e quase nunca escolhia descasar. Podia ser repudiada por decisão do marido, por motivos que iam do adultério à comida queimada, dependendo da escola rabínica que se consultasse. Podia enviuvar. Podia ser passada, por obrigação legal, ao irmão do falecido. Cinco maridos é uma biografia possível de mulher descartada cinco vezes. E a sexta relação, sem casamento, é o arranjo de quem já não tem mais valor no mercado matrimonial e precisa de teto.

O texto não explica. Não diz que ela era culpada nem que era vítima. E o detalhe decisivo é este: ele também não diz. Nomeia o fato com precisão cirúrgica e não acrescenta uma única palavra de julgamento. Não tem "arrepende-te", não tem "vai e não peques mais", não tem sermão. Tem uma descrição exata, dita em voz alta, e o silêncio que vem depois.

> *Ser conhecido em detalhe e não ser condenado é uma experiência tão rara que a maioria das pessoas passa a vida inteira sem tê-la uma vez.*

A reação dela é a coisa mais humana do capítulo. Ela muda de assunto. Nossos pais adoraram neste monte, e vocês dizem que é em Jerusalém que se deve adorar. De repente, do nada, uma questão de geografia religiosa.

Todo mundo faz isso. A conversa chega perto demais e a gente sobe um degrau de abstração, porque lá em cima ninguém se machuca. Discutir onde se deve adorar é infinitamente mais confortável do que falar dos cinco maridos. É a manobra mais comum do mundo, e ela executa com competência.

O interessante é que ele não a puxa de volta. Não diz "não desconversa". Vai com ela para o terreno que ela escolheu e responde a sério: vem a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém, porque Deus é espírito, e quem o adora precisa adorar em espírito e em verdade. Ele concede a fuga e, dentro dela, entrega o que ela tinha vindo buscar sem saber.

E então, para a mulher errada, no lugar errado, na hora errada, ele diz a coisa que passa o resto dos evangelhos evitando dizer com todas as letras. Eu sou, eu que falo contigo. A declaração mais direta sobre a própria identidade, em todo o evangelho de João, é feita a uma samaritana anônima ao meio-dia, sem testemunhas.

❦

Os discípulos voltam nesse momento com a comida, e o texto tem um dos seus comentários laterais mais engraçados e mais tristes. Eles se admiraram de que ele estivesse falando com uma mulher. Mas nenhum perguntou nada. Acharam estranho, não gostaram e não disseram uma palavra, que é como as pessoas decentes reagem à maior parte das coisas que as incomodam.

E aí vem o detalhe que faz o capítulo inteiro valer. Ela vai embora e deixa o cântaro.

Deixou o cântaro junto ao poço. O objeto pesado, o motivo da viagem, a razão de ter saído de casa naquele horário miserável. Simplesmente largou ali e foi para a cidade. É o tipo de detalhe que ninguém inventa por motivo teológico. É o tipo de detalhe que se lembra porque aconteceu, ou porque quem contou a história tinha bom ouvido para gente.

❦

Ela entra na cidade que evitava e fala com as pessoas de quem se escondia. E o que ela diz não é uma doutrina. Não anuncia um Messias, não cita

profecia, não convoca ninguém a crer. Diz: venham ver um homem que me disse tudo quanto eu fiz.

É um testemunho estranho, porque o conteúdo dele é o próprio constrangimento. A mulher que ia ao poço ao meio-dia para não ser vista atravessa a cidade dizendo em voz alta que encontrou alguém que sabia tudo. O segredo que a mantinha isolada virou o argumento. Não porque tenha deixado de ser verdade, mas porque deixou de ser uma sentença.

O texto diz que muitos daquela cidade creram por causa da palavra dela. Depois foram falar com ele pessoalmente e disseram, com uma delicadeza involuntária que beira a grosseria, que agora criam não mais pelo que ela tinha contado, e sim por terem ouvido eles mesmos. Ela não é citada de novo. Ninguém registrou o nome.

Fica o poço, fica o cântaro largado no chão, e fica a única coisa que ela disse para explicar o que tinha acontecido. Alguém me disse tudo o que eu fiz. Não "alguém me perdoou". Não "alguém me consertou". Alguém me disse tudo o que eu fiz, e eu continuei em pé.

O QUE ELA APRENDEU

Ela aprendeu que a coisa que ela mais escondia não era tão poderosa quanto parecia. Passou anos organizando os horários da vida em volta de um assunto, e num intervalo de uma conversa descobriu que dava para ouvir aquele assunto dito em voz alta e continuar de pé. O segredo perdeu o peso quando alguém o disse sem levantar a voz.

Aprendeu também que não precisava estar consertada para servir para alguma coisa. Ela não voltou para a cidade com uma vida nova para exibir. Voltou no mesmo dia, com a mesma história, e o que ela tinha para dizer era exatamente aquilo que a envergonhava. Ainda assim, foi ouvida.

O QUE A GENTE APRENDE

Que existe uma diferença enorme entre ser descoberto e ser condenado, e a gente vive confundindo as duas coisas. O medo de ser conhecido supõe que quem souber vai usar aquilo contra a gente. Às vezes vai. Nem sempre. Vale conferir antes de organizar a vida inteira em cima da suposição.

Que quando alguém desconversa e sobe para o assunto abstrato bem no momento em que a conversa ficou pessoal, isso não é falta de interesse. É proteção. Vale seguir a pessoa até onde ela foi, em vez de puxá-la de volta à força.

E que a pergunta que dói de verdade quase nunca é a primeira. Ele começou pedindo água. A parte difícil veio muito depois, quando já havia alguma confiança para sustentá-la.

✦

III

ENSAIO TRÊS

Os Quatro Que Abriram o *Telhado*

O paralítico de Cafarnaum · Marcos 2

> *E, não podendo aproximar-se dele por causa da multidão, descobriram o telhado onde estava.*
>
> MARCOS 2.4

Esta é uma história sobre estragar a casa dos outros. Costuma ser contada como história de fé, e é, mas convém não pular a parte em que quatro homens destroem o teto de um terceiro sem pedir licença a ninguém.

A cena é em Cafarnaum. Jesus está dentro de uma casa e a casa está cheia. Marcos escreve que não cabia mais ninguém, nem junto à porta. É a imagem de qualquer aglomeração de cidade pequena. Gente entalada no vão, gente na janela, gente do lado de fora esticando o pescoço, e ninguém disposto a ceder o lugar que conquistou.

Chegam então quatro homens carregando um quinto numa esteira. E aí está o primeiro problema prático da história: não tem como passar. Ninguém abre caminho para uma maca. Todo mundo ali já pagou o preço de estar em pé há duas horas.

O que eles fazem em seguida merece ser imaginado com alguma precisão, porque a versão devocional costuma limpar a cena até deixá-la irreconhecível.

Um telhado daquele tempo e daquele lugar não era de telha. Era uma estrutura de vigas de madeira, sobre a qual se cruzavam ramos e canas, tudo coberto por uma camada grossa de barro socado, alisado com um rolo depois de cada chuva. Era um piso, não uma cobertura. As pessoas subiam ali para secar figo, dormir no calor, conversar no fim do dia. Havia uma escada externa.

Abrir um buraco nesse tipo de teto é uma operação suja e demorada. Não é levantar uma telha. É cavar barro endurecido com a mão ou com alguma ferramenta, arrancar as canas, afastar os ramos e alargar até caber um homem deitado numa esteira. Leva tempo. Faz barulho. E, principalmente, cai tudo para dentro.

Ou seja: durante longos minutos, a multidão lá embaixo, e o próprio Jesus, que estava falando, foi coberta de terra e cacos que desabavam do teto sem explicação. Alguém olhou para cima. Alguém reclamou. Alguém, provavelmente o dono da casa, subiu correndo pela escada de fora e chegou tarde demais.

Marcos não registra protesto nenhum, o que é uma das omissões mais generosas do Novo Testamento.

Vale insistir num ponto que a história esconde de tão óbvio. Aqueles quatro homens não estavam resolvendo um problema deles. Ninguém ali estava doente. Eles carregaram peso morto pela rua, subiram uma escada com uma esteira ocupada, cavaram o teto de um vizinho e depois baixaram o amigo com corda por um buraco de barro, no meio de uma sala lotada, na frente de todo mundo.

Cada uma dessas etapas exige uma decisão nova de continuar. Carregar até a casa, quando dava para ter dito que estava cheio demais. Subir, quando dava para ter dito que voltavam amanhã. Cavar, quando dava para ter percebido que aquilo era invasão. Baixar, quando dava para ter previsto o vexame.

Existe uma diferença enorme entre desejar o bem de alguém e quebrar uma casa por essa pessoa. A primeira coisa é barata e todos nós praticamos com abundância. A segunda tem custo, tem testemunha e tem consequência. E é a única das duas que aparece nesta história.

E então vem a frase que reorganiza a cena inteira. Jesus, vendo a fé deles.

Deles. No plural. O texto não diz que ele viu a fé do paralítico. Diz que viu a fé dos que carregaram, e é a partir dessa fé, que é de outras pessoas, que ele fala com o homem na esteira.

Isso desmonta uma ideia bem difundida, a de que cada um se salva pela intensidade da própria convicção, sozinho, por mérito interior. Aqui não é assim. Aqui alguém é alcançado porque outras pessoas se recusaram a desistir do caso dele. O paralítico não fez nada. Ele foi carregado.

> *Há dias em que a fé disponível não é a sua. É a de quem te leva.*

Aliás, tem uma coisa sobre o homem da esteira que quase ninguém nota. Ele não diz uma palavra. Do começo ao fim da narrativa, o personagem central é mudo. É carregado, é içado, é baixado, é interpelado, é curado e vai embora. Não pede, não agradece, não confessa, não pergunta. Marcos não lhe dá uma linha.

Vale pensar no que passava por dentro dele. A dependência total tem uma humilhação embutida que só quem já ficou doente de verdade conhece. Ser transportado é ser objeto. Ser exposto no meio de uma sala cheia, descendo do teto, com todo mundo olhando, inclusive os vizinhos, inclusive quem sempre soube da sua condição, não é uma cena bonita para quem está deitado nela.

Tem uma boa chance de ele não ter querido ir. Tem uma boa chance de ter sido convencido, ou de ter cedido de cansaço. É o que costuma acontecer com quem é carregado. Em algum momento a pessoa para de decidir e deixa que decidam por ela. Às vezes por resignação, às vezes porque é a única forma de amor disponível naquele dia.

A primeira coisa que ele ouve não é o que veio buscar. Filho, os teus pecados estão perdoados.

O paralítico de Cafarnaum

Marcos 2

Quatro homens abriram um telhado por causa de pernas, e a primeira frase entregue foi sobre outra coisa. É desconcertante. A tradição tratou o episódio como uma demonstração de autoridade, com Jesus provando que podia perdoar e usando a cura como prova. Provavelmente é isso mesmo. Mas há uma leitura menor e mais próxima do chão que também cabe.

Naquele mundo, doença e culpa vinham amarradas. Adoecer era, na cabeça de muita gente, receber alguma coisa merecida. É razoável supor que o homem tenha passado anos deitado fazendo a única pergunta que se faz nessa posição, que é por que comigo. A frase sobre o perdão pode ter sido, antes de tudo, a resposta ao que ele realmente carregava. Não a paralisia. A conta que ele achava que estava pagando.

Os escribas presentes acham aquilo blasfêmia, e pensam isso sem dizer nada. Marcos registra que eles arrazoavam em seus corações. É um detalhe fino. A objeção nem chega a ser feita em voz alta. É só um mal-estar interno, do tipo que uma pessoa de bem sente quando vê alguém receber de graça o que deveria ter sido conquistado.

❦

Levanta-te, toma a tua esteira e vai para casa.

Tem uma simetria discreta aí, e é a melhor coisa da história. Ele entrou carregado pela esteira. Sai carregando a esteira. O objeto que sustentava o peso dele passa a ser sustentado por ele. Não é uma volta ao ponto de partida. É uma inversão de posição diante da mesma coisa.

Quem já saiu de uma temporada ruim conhece esse gesto. Você não joga a maca fora. Você leva embaixo do braço. Ela continua existindo, dobrada, e agora é um objeto entre outros, e não o lugar onde você mora.

❦

Os quatro homens não são nomeados. Não voltam a aparecer em nenhum evangelho. Não se sabe se eram irmãos, vizinhos ou colegas de ofício. Não

se sabe se pagaram pelo telhado, e alguém pagou, porque barro socado não se remenda sozinho e a chuva vem em janeiro.

É provável que tenham voltado para casa naquela noite com as mãos sujas, ouvindo do dono da casa o que mereciam ouvir, e que a história tenha circulado em Cafarnaum por um tempo com ênfase no estrago. Ninguém escreveu os nomes deles. A única linha que sobrou é a que diz que alguém viu o que eles fizeram e chamou aquilo de fé.

O QUE ELES APRENDERAM

Os quatro aprenderam que insistência tem preço e que o preço é pago em coisas concretas. Não bastou querer bem. Foi preciso carregar, subir, cavar e depois encarar o dono da casa. A amizade deles deixou de ser um sentimento e virou uma conta a pagar naquele mesmo dia.

O homem da esteira aprendeu uma coisa mais dura. Ele descobriu que era possível ser levado a um lugar bom sem ter contribuído com nada, e que aceitar isso exigia engolir o próprio orgulho na frente de uma sala cheia. Deixar-se carregar foi a parte dele.

O paralítico de Cafarnaum

Marcos 2

O QUE A GENTE APRENDE

Que amizade de verdade se mede pelo que a gente está disposto a estragar. Torcer pelo outro não custa nada. Sujar a mão, perder tempo, gastar dinheiro e passar vergonha por alguém é outra história, e é essa que o texto chamou de fé.

Que existe um tipo de ajuda que só funciona se a pessoa ajudada aceitar ficar em posição desconfortável. Se você está precisando, deixar que carreguem você não é fraqueza. É o único jeito de chegar quando as pernas não respondem.

E que a gente quase sempre pede uma coisa e precisa de outra. Ele pediu pernas e ouviu primeiro sobre culpa. Vale prestar atenção quando a resposta que chega não é a que a gente encomendou, porque às vezes ela está mirando mais fundo.

IV

ENSAIO QUATRO

Chamado no Meio do *Expediente*

Mateus, na coletoria · Mateus 9 · Marcos 2 · Lucas 5

> *Viu assentado na alfândega um homem, chamado Mateus, e disse-lhe: Segue-me.*
>
> MATEUS 9.9

Mateus, na coletoria

Mateus 9 · Marcos 2 · Lucas 5

A cena dura um versículo. Um homem está trabalhando, alguém passa, diz duas sílabas, e o homem se levanta e vai embora. Não tem diálogo, não tem negociação, não tem despedida. É a chamada mais curta dos evangelhos e a que tem as consequências mais definitivas, por um motivo que quase ninguém menciona: aquele emprego, uma vez largado, não voltava.

Convém entender o que era a coletoria, porque a palavra "publicano" já não significa nada para nós e no primeiro século significava tudo.

Roma não recolhia os próprios impostos nas províncias. Terceirizava. O direito de cobrar era arrematado, e quem arrematava adiantava o valor combinado e depois se ressarcia na estrada, cobrando o que conseguisse. A diferença entre o que se entregava e o que se arrecadava era o lucro. O sistema não tinha tabela pública, não tinha recurso e não tinha ouvidoria. Tinha soldado.

Cafarnaum ficava numa rota de passagem, e o posto onde Mateus se sentava taxava mercadoria que atravessava a fronteira entre dois domínios. Ou seja: ele cobrava dos vizinhos. Do peixe do sujeito que ele conhecia desde menino. Do carregamento de trigo da família da esquina. Não era um burocrata distante taxando estranhos. Era um homem da cidade que se sentava todos os dias na saída da cidade para tirar dinheiro dos conterrâneos em nome do estrangeiro que ocupava a terra.

Por isso o ódio a essa gente não era o ódio comum ao fisco. Era o ódio ao colaborador. Ladrão e traidor na mesma pessoa, com o agravante de que a traição era legal e o lucro era visível. Havia ainda a impureza ritual pelo contato constante com pagãos, o que o excluía também da vida religiosa. Ele não podia servir de testemunha num julgamento. Não era exatamente um cidadão.

É bom guardar isso ao ler que ele estava "assentado". A palavra sugere rotina. Expediente aberto, mesa, dinheiro contado, fila. Um dia como os outros, num trabalho que ele provavelmente detestava e do qual dependia inteiramente.

Não tem indício de crise. Ninguém diz que ele estava insatisfeito, arrependido ou procurando saída. A narrativa não prepara o terreno com nenhum sinal interior. Ele estava trabalhando. Só isso.

E é aí que a coisa acontece. Não numa sinagoga, não num momento de oração, não depois de um sermão que o tenha tocado. No expediente, com a mão no dinheiro dos outros.

> *A maior parte das convocações da vida chega assim: no meio do turno, num dia sem nada de especial, quando você está fazendo exatamente aquilo que gostaria de não estar fazendo.*

❦

Agora o detalhe que muda o tamanho da decisão. Quatro capítulos antes, outros homens tinham sido chamados do trabalho. Pescadores, que largaram as redes. Mas rede se retoma. Barco continua no cais. E de fato, no último capítulo de João, sete deles voltam a pescar. A porta continuava aberta, e eles usaram.

A coletoria não. Um posto abandonado é um posto reatribuído no mesmo dia. Não tem concurso, não tem espera, não tem retorno. Quem quer que tivesse comprado aquele direito de cobrança não ia deixar a mesa vazia até a tarde. Quando Mateus se levantou, o cargo se fechou atrás dele com a naturalidade de uma porta de vento.

Lucas escreve a frase com essa consciência. Deixando tudo, levantou-se e o seguiu. Não é retórica devocional. É descrição contábil.

A segunda parte da história costuma ser lida como apêndice, e é a metade mais interessante.

A primeira coisa que Mateus faz depois de largar o emprego é dar uma festa. Um grande banquete, diz Lucas, na própria casa. E a lista de convidados é a única que ele tinha: publicanos e pecadores. Os colegas de repartição, os sócios, a gente com quem ele dividia mesa havia anos porque ninguém mais dividia mesa com eles.

Repare no que ele não faz. Não rompe com o passado, não some da cidade, não se refugia entre gente decente para começar limpo. Ele junta os dois mundos numa sala e senta os dois à mesma mesa. É um gesto de coragem social considerável, e de certo modo é o primeiro ato de missão registrado no evangelho, feito por um homem que ainda não devia saber direito no que tinha se metido.

A objeção que vem em seguida é sobre comida. Isso importa.

Os fariseus não perguntam por que Jesus conversa com aquela gente, nem por que ensina aquela gente, nem por que os cura. Perguntam por que ele come com eles. Numa cultura em que a mesa era a fronteira mais precisa do pertencimento, em que quem come com você é dos seus, sentar ao lado de um coletor de impostos era uma declaração pública sobre a que grupo se pertence.

A pergunta, aliás, não é feita a ele. É feita aos discípulos. Por que o mestre de vocês come com os publicanos? É o formato clássico da fofoca de vizinhança, com a crítica endereçada ao acompanhante para chegar ao destinatário sem confronto direto. Muito educada. Muito eficaz.

A resposta tem três partes e cada uma é mais afiada que a anterior.

A primeira é uma imagem de bom senso: não são os sadios que precisam de médico. É difícil discordar sem parecer ridículo. A segunda é

uma citação do profeta Oseias, misericórdia quero e não sacrifício, dita a especialistas em Escritura, com a instrução de irem aprender o que aquilo significa. É a única vez em que ele manda um grupo de estudiosos fazer lição de casa, e o tom não é gentil.

A terceira é a frase que fica. Não vim chamar justos, mas pecadores. Ela costuma ser lida como consolo, e é, mas é também uma provocação com endereço. Se ele veio para os doentes, e você se considera são, então essa história não é com você. Por escolha sua, não dele.

❦

Falta um detalhe, e ele é o mais delicado dos quatro evangelhos.

Todos os evangelhos trazem a lista dos doze apóstolos. Em Marcos e em Lucas, o nome aparece seco: Mateus. Só no evangelho que leva o nome dele o nome vem acompanhado da profissão: Mateus, o publicano. É a única entrada da lista que carrega um rótulo desses. Ninguém mais é apresentado pelo pior detalhe do próprio currículo.

A autoria dos evangelhos é assunto disputado e não convém fingir certeza. Mas a tradição sempre leu esse acréscimo como assinatura. O homem que escreveu, ou a comunidade que guardou a memória dele, fez questão de manter no texto a palavra que a cidade inteira usava para ofendê-lo.

É uma escolha estranha e admirável. Ele podia ter apagado. Tinha o controle da narrativa, tinha o direito de se apresentar como quisesse, e quem lesse dali a cinquenta anos não teria como saber. Preferiu deixar. Porque a história não faz sentido sem isso. O interesse do episódio não é que um homem bom foi convidado. É que o convite chegou na mesa errada, no meio do expediente, para quem não estava procurando nada.

O QUE MATEUS APRENDEU

Ele aprendeu que não precisava melhorar antes para ser chamado. Ninguém pediu que ele acertasse as contas, devolvesse o dinheiro ou passasse por um período de prova. O convite chegou com ele ainda sentado no lugar errado, fazendo a coisa errada, e é justamente por isso que ele acreditou.

E aprendeu que não precisava apagar quem tinha sido. A primeira coisa que fez foi dar uma festa e chamar os antigos colegas. Descobriu que o passado dele, que parecia só um problema, era também a única lista de convidados que ele possuía. Anos depois, quando teve chance de limpar a própria biografia, escolheu manter o apelido que doía.

O QUE A GENTE APRENDE

Que a chamada raramente chega num momento espiritual. Chega no trabalho, no meio de uma terça-feira comum, quando você está cansado e ocupado. Se você está esperando um sinal em condições ideais, provavelmente vai perder o que está passando na sua frente hoje.

Que recomeçar não é apagar. Muita gente trava porque acha que precisa cortar o passado inteiro e virar outra pessoa. Mateus fez o contrário. Levou o passado para a mesa e serviu o jantar.

E que ter vergonha da própria história é diferente de ser definido por ela. Ele manteve o rótulo, mas o rótulo mudou de função. Deixou de ser a acusação da cidade e virou a prova de que aquela porta se abre para qualquer um.

✦

V

ENSAIO CINCO

A Que Chegou Por *Trás*

A mulher que tocou o manto · Marcos 5

> *Chegou por detrás, entre a multidão, e tocou na sua veste.*
> *Porque dizia: Se tão-somente tocar as suas vestes, sararei.*

MARCOS 5.27-28

A mulher que tocou o manto

Marcos 5

Ela não pediu. Esse é o dado central da história e o que a torna diferente de quase todas as outras curas dos evangelhos. Não teve súplica, não teve joelho no chão, não teve nome gritado na estrada. Teve uma mulher que se aproximou por trás, no aperto da multidão, esticou a mão, tocou a barra de um manto e depois tentou sumir.

Ninguém age assim por timidez. Age assim quem tem um bom motivo para não ser vista.

Marcos informa que ela sangrava havia doze anos. Para entender o que isso significava, é preciso saber que a lei daquele povo tratava esse tipo de fluxo como impureza ritual continuada. Não era pecado. Era condição. Mas a condição tinha consequências longas. Quem a tocasse ficava impuro até a noite. O que ela sentasse ficava impuro. Quem tocasse o que ela sentou ficava impuro. Havia um perímetro de contaminação em volta dela, e ele se movia junto.

Doze anos disso significam doze anos sem entrar no templo. Doze anos sem participar das refeições que reuniam a família. Doze anos em que abraçar alguém era transferir um problema para essa pessoa, o que fazia da distância a coisa mais afetuosa a se fazer. Se era casada, é razoável supor que já não fosse. Se não era, não seria.

A palavra que falta no texto e que descreve tudo isso é uma só: solidão. Não a solidão de quem mora sozinho, que é uma inconveniência. A solidão de quem não pode ser tocado, que é outra categoria de sofrimento.

Marcos acrescenta um detalhe que só um homem sem diplomacia registraria. Ela tinha sofrido muito nas mãos de muitos médicos, gastado tudo o que tinha, e em vez de melhorar tinha piorado.

É uma frase brutal, e vale notar que Lucas, que a tradição identifica como médico, conta o mesmo episódio e suaviza bastante a parte dos colegas. A observação é engraçada e é humana. Ninguém gosta de ver a própria classe descrita desse jeito.

Mas a informação que importa é econômica. Ela gastou tudo. Não é apenas uma mulher doente. É uma mulher doente e falida, que financiou doze anos de tratamentos que não funcionaram e chegou ao fim do dinheiro antes de chegar ao fim do problema. Quem já acompanhou uma doença longa em casa sabe que esse segundo colapso costuma ser tão devastador quanto o primeiro, e ninguém escreve sobre ele.

❦

Agora o plano dela, que é o de alguém que já pensou muito no assunto. Se eu tocar só nas vestes, eu fico curada. Não nele, nas vestes. Não de frente, por trás. Não pedindo, pegando.

A escolha é estratégica e é dolorosa de reconstituir. Pedir em voz alta significaria dizer, na frente de uma multidão inteira, exatamente qual era o seu problema. Uma mulher, num espaço público, descrevendo isso a um homem que não conhece, diante de vizinhos e desconhecidos. Significaria também confessar em público que estava ali, no meio de todos, transmitindo impureza a cada esbarrão, o que pelas regras vigentes ela não deveria estar fazendo.

Então ela decide não pedir. Vai pegar em silêncio a menor quantidade possível do que precisa, sem incomodar ninguém, e ir embora antes que alguém perceba. É o comportamento de quem aprendeu, ao longo de doze anos, que a sua necessidade é um transtorno para os outros.

> *Existe um tipo de humildade que não é virtude. É a certeza, treinada com paciência pela vida, de que você não tem direito de ocupar espaço.*

E funciona. O texto diz que na hora a fonte do sangue secou e ela sentiu no corpo que estava curada. O plano deu certo. Ela conseguiu o que veio buscar sem que ninguém soubesse.

É aqui que a história deveria acabar, e é aqui que ela começa.

Quem tocou nas minhas vestes?

A reação dos discípulos é a reação certa. Estão sendo empurrados por todos os lados, numa rua estreita, com dezenas de pessoas encostando neles a cada passo, e o mestre pergunta quem o tocou. Você vê a multidão te apertando e ainda pergunta quem te tocou? Tem impaciência nessa frase, e tem razão nela.

E tem pressa, principalmente. Porque este episódio inteiro é uma interrupção. Ele estava a caminho da casa de Jairo, um dirigente de sinagoga, homem de posição, cuja filha de doze anos estava morrendo naquele momento. Tinha um pai andando ao lado dele, contando os minutos.

Mesmo assim, ele para. E fica parado, olhando em volta, esperando. Não desiste, não segue em frente, não deixa passar. A cena se estende num silêncio constrangedor enquanto uma multidão inteira e um pai desesperado aguardam que alguém se manifeste.

Ela se apresenta temendo e tremendo. As palavras são de Marcos e são precisas. Ela não está emocionada. Está apavorada.

Do ponto de vista dela, o que acabou de acontecer é uma infração pública. Ela transitou impura por uma multidão e tocou um mestre respeitado, tornando-o cerimonialmente impuro diante de testemunhas. Se alguém ali resolvesse fazer questão, havia com que constrangê-la pelo resto da vida naquela cidade.

E ela conta tudo. O texto diz que ela lhe disse toda a verdade. Não a versão resumida, não a versão apresentável. Toda. Os doze anos, os médicos, o dinheiro, o plano de tocar por trás, o que sentiu quando funcionou. Em pé no meio da rua, na frente de todo mundo, exatamente a conversa que ela tinha organizado a vida inteira para nunca ter.

❦

A resposta são cinco palavras, e a primeira é a que importa. Filha, a tua fé te salvou, vai em paz.

Filha. É a única vez, em todos os evangelhos, em que ele chama uma mulher assim. A mulher sem nome, porque Marcos não registra e ninguém nunca soube, recebe uma palavra de parentesco. Doze anos definida por uma condição, e a primeira coisa que ela ouve em público é um vínculo de família.

E tem a frase seguinte, que reordena os créditos da história inteira. A tua fé te salvou. Não "eu te curei". Ele devolve a ela a autoria do que aconteceu. A mulher que agiu escondida por achar que não tinha direito é informada, diante de testemunhas, de que o que ela fez foi legítimo e foi dela.

Só então dá para entender por que ele parou. Ela já tinha a cura antes de ser descoberta. A cura ela roubou com sucesso. O que ela não tinha e não conseguiria roubar era a segunda parte: ser vista, ser nomeada em público e sair dali com a condição encerrada aos olhos da cidade, e não apenas do corpo. Uma cura secreta a deixaria curada e ainda impura na opinião de todos. Ele parou para terminar o serviço.

❦

Falta dizer o preço, e o texto não esconde. Enquanto isso tudo acontecia, chegaram mensageiros da casa de Jairo com a notícia. A menina morreu, não incomode mais o mestre.

A demora foi real. Alguém esperou. A história termina bem, porque na sequência ele vai à casa e a menina se levanta, mas por alguns minutos, naquela estrada, um pai soube que o atraso tinha custado a vida da filha, e a causa do atraso era uma mulher que nem tinha coragem de pedir.

Marcos coloca as duas histórias uma dentro da outra de propósito, e usa o mesmo número nas duas. Doze anos de doença, doze anos de idade. A menina viveu exatamente o tempo em que a outra esteve excluída. Uma tinha pai, casa e posição. A outra não tinha nome.

O QUE ELA APRENDEU

Ela aprendeu que tinha direito de aparecer. Passou doze anos convencida de que a sua necessidade era um estorvo, e por isso montou um plano para conseguir o que precisava sem incomodar ninguém. O plano funcionou. E aí ela foi chamada para o meio da rua e descobriu que aquilo que ela achava que era roubo tinha sido reconhecido como fé.

Aprendeu também que faltava metade. O corpo já estava curado quando ele parou a caminhada. O que veio depois não era cura, era reconhecimento público, e é isso que a devolveu ao convívio da cidade. Ela sairia dali sarada e ainda excluída se a conversa não tivesse acontecido.

O QUE A GENTE APRENDE

Que pedir de frente costuma custar mais do que resolver escondido, e mesmo assim vale a pena. Muita gente aprende a se virar em silêncio porque acha que atrapalha. Se essa é a sua régua, ela provavelmente foi instalada por alguém que não gostava muito de você.

Que ajudar alguém e reconhecer alguém são duas coisas diferentes. Dá para resolver o problema de uma pessoa sem nunca olhar para ela. E dá para parar no meio da rua, com todo mundo esperando, para chamá-la pelo nome. A segunda coisa custa mais e é a que fica.

E que atenção de verdade sempre atrapalha o horário de alguém. Quando você para por uma pessoa, existe outra esperando. Não tem como fazer isso sem custo, e fingir que tem é o começo de nunca parar por ninguém.

✦

VI

ENSAIO SEIS

A Cozinha e a *Sala*

Marta e Maria, em Betânia · Lucas 10 · João 11 e 12

> *Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária.*
>
> LUCAS 10.41-42

Poucos textos foram usados com tanta injustiça contra tanta gente boa quanto este. Virou a parábola de plantão para dizer a quem trabalha demais que está errando, geralmente pronunciada por alguém que não está fazendo o jantar. Vale, então, começar do lado de Marta, e ficar lá um tempo antes de sair.

❦

A casa é dela. Lucas é explícito. Certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. Não é a casa do irmão nem do marido. Ela é a dona, a anfitriã, a que assumiu o risco e o custo de receber. Numa cultura onde a hospitalidade era obrigação sagrada e falhar nela era desonra pública duradoura, isso não é um detalhe doméstico. É uma posição.

Convém também imaginar o volume de trabalho. Receber um mestre itinerante significava receber quem viesse com ele, e esse número raramente era pequeno. Não havia geladeira, mercado, forno pronto nem água encanada. Havia grão para moer, lenha para acender, água para buscar, massa para sovar, fogo para vigiar, azeite, sal, louça, e um tempo de preparo que se conta em horas.

Marta não estava sendo perfeccionista. Estava produzindo sozinha e às pressas a refeição de um grupo inteiro, num dia em que a chegada provavelmente foi sem aviso.

❦

E a irmã está sentada na sala.

Aqui é preciso dizer o que a frase significava, porque a tradução esconde. Maria assentou-se aos pés do Senhor. Sentar-se aos pés de alguém era a expressão técnica para ocupar a posição de aluno, a mesma que Paulo usa quando diz que se formou aos pés de Gamaliel. Não é a imagem terna de uma moça encostada no chão ouvindo uma boa conversa. É o lugar do discípulo em treinamento.

E esse lugar, no costume da época, não era de mulher. Maria não estava apenas deixando de ajudar. Estava se instalando num assento que a sociedade não tinha reservado para ela, na frente de todos, dentro da casa da irmã. O escândalo silencioso da cena não é a louça acumulada. É a aluna.

A queixa de Marta é boa de tão real, e quem já organizou um almoço de família reconhece palavra por palavra.

Primeiro: ela não reclama com a irmã. Reclama com o hóspede. Vira-se para a pessoa de maior autoridade na sala e pede uma intervenção. É a manobra clássica de quem já cansou de pedir diretamente e não quer mais discutir, quer uma sentença.

Segundo: a frase começa com uma acusação disfarçada de pergunta. Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir sozinha? Ou seja: a sua indiferença faz parte do problema. Você está vendo isso e não fez nada.

Terceiro: ela não pede ajuda. Pede que mandem ajudá-la. Dize-lhe que me ajude. Não quer a colaboração. Quer o reconhecimento oficial de que está certa.

Não tem vilania nenhuma nisso. É o comportamento previsível de uma pessoa exausta que está fazendo sozinha um trabalho que beneficia todo mundo e sente que ninguém percebeu.

> *O ressentimento doméstico quase nunca é sobre a tarefa. É sobre ser a única a ver que a tarefa existe.*

A resposta começa com o nome dito duas vezes, e isso não é detalhe de estilo. Naquela literatura, repetir o nome de alguém, como em Abraão,

Abraão, ou Simão, Simão, ou Saulo, Saulo, é marca de intimidade e de gravidade, não de repreensão. É a forma de falar com quem se ama antes de dizer uma coisa difícil.

E o que ele diz não é o que costumam repetir. Ele não diz que cozinhar é inferior a ouvir. Não diz que o serviço não importa. Não manda que ela pare. As palavras usadas são outras. Estás ansiosa e afadigada com muitas coisas.

A crítica é à dispersão, não ao trabalho. O verbo que Lucas usa antes, para descrever o estado dela, tem o sentido de ser puxada para todos os lados ao mesmo tempo. É a pessoa em vinte tarefas simultâneas, nenhuma delas concluída, todas urgentes, com o relógio andando. Um estado que qualquer um reconhece e que ninguém escolhe de propósito.

Uma coisa é necessária. Não que ficar parada seja melhor do que trabalhar. Uma coisa por vez, e a que importa primeiro.

❦

Tem ainda um trocadilho que se perde inteiramente em português e que muda o tom da frase final. A palavra traduzida por "parte" na frase "Maria escolheu a boa parte" é, no grego, a mesma que se usa para a porção servida a alguém à mesa. É palavra de comida.

Ou seja: no meio de uma discussão sobre o jantar, ele responde com uma imagem de jantar. Maria escolheu o melhor prato. Dito à mulher que está preparando os pratos, é quase uma brincadeira, do tipo que só se faz com quem se tem intimidade, e que provavelmente não melhorou o humor de ninguém naquela hora.

❦

Se a história terminasse aqui, a leitura corrente estaria justificada e Marta seria a personagem derrotada da cena. Mas ela reaparece, e as duas vezes seguintes mudam tudo.

A primeira é diante do túmulo do irmão. Lázaro morreu, e é Marta quem sai ao encontro na estrada enquanto Maria fica em casa. É Marta quem faz a queixa mais dura registrada por qualquer amigo dele, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. E é Marta quem, poucos versículos adiante, pronuncia a confissão de fé mais explícita que o evangelho de João coloca na boca de alguém: creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que havia de vir ao mundo.

A mesma frase que Pedro diz nos outros evangelhos, e que rendeu a ele um capítulo inteiro de elogio, aqui é dita por uma cozinheira ansiosa numa estrada de terra, quatro dias depois de um enterro. Ninguém fez estátua.

A segunda reaparição é ainda melhor, de tão discreta. Dois capítulos adiante há um jantar em Betânia em homenagem a ele. João descreve a cena em uma linha e meia, e no meio da linha está a informação: e Marta servia.

Ela continuou na cozinha. Não foi convertida em contemplativa, não trocou o avental por um assento na sala, não abandonou o que sabia fazer. Depois da conversa, depois da morte do irmão, depois da confissão na estrada, quando chega o dia da grande festa, lá está ela servindo de novo, e o texto registra isso sem uma gota de censura.

É essa continuidade que desmonta a leitura fácil. Se o problema fosse a cozinha, o desfecho da vida de Marta seria a sala. Não foi. O que mudou, se é que mudou alguma coisa, não aparece na tarefa. Aparece na ausência da queixa. Ninguém, no segundo jantar, é convocado a decidir quem está certa.

O QUE MARTA APRENDEU

Ela aprendeu que o problema não era a cozinha. Continuou servindo pelo resto da história, e ninguém nunca mais reclamou disso. O que ela largou

pelo caminho não foi o trabalho. Foi a conta que ela vinha fazendo por baixo, aquela lista invisível de quanto tinha feito e quanto os outros não tinham.

E aprendeu que dava para dizer o que estava sentindo sem que o mundo desabasse. Ela reclamou, foi ouvida, foi corrigida com carinho, e nada quebrou. Anos depois, na estrada, ela reclamou de novo, dessa vez de uma coisa muito maior, e de novo foi ouvida. Ela não virou uma mulher calada. Virou uma mulher que reclamava sem cobrar sentença.

O QUE A GENTE APRENDE

Que trabalhar muito não é o problema. Alguém tem que fazer o jantar, e quem faz merece ser visto. O que cansa de verdade é servir contando os pontos, e essa conta ninguém enxerga de fora, então ela nunca é paga.

Que quando a gente está irritado com alguém e vai reclamar com uma terceira pessoa, o que a gente quer não é ajuda. É sentença. Vale perceber isso na hora, porque o pedido de ajuda de verdade costuma resolver, e o pedido de sentença só aumenta a distância.

E que a fama de Maria e Marta é injusta com as duas. Uma não é santa por estar sentada, nem a outra é errada por estar em pé. A pergunta não é onde você está. É se você está inteiro no lugar onde escolheu ficar, ou dividido em vinte pedaços, sem terminar nenhum.

✦

VII

ENSAIO SETE

O Que Foi Embora *Triste*

O homem rico, na estrada · Marcos 10

> *E Jesus, olhando para ele, o amou... Mas ele, pesaroso desta palavra, retirou-se triste.*
>
> MARCOS 10.21-22

É a única história dos evangelhos em que alguém recebe uma resposta clara, entende perfeitamente o que foi dito e vai embora. Sem discussão, sem justificativa, sem promessa de pensar no assunto. E é a única em que Marcos escreve, sobre uma pessoa específica, que Jesus o amou.

As duas coisas estão no mesmo parágrafo, com dois versículos de distância, e é isso que torna a cena difícil de engolir. Ele foi amado e foi deixado ir.

❦

Comece pela entrada, que é vistosa. O homem corre. Marcos escreve que ele veio correndo e se pôs de joelhos na estrada.

Homens ricos não corriam. A pressa era coisa de servo, e a túnica longa e a dignidade não permitiam. Correr em público e se ajoelhar no meio do caminho, diante de um mestre sem posição oficial, é um gesto de entusiasmo genuíno e de humildade real. Não tem cálculo nisso. Ele quer aquilo, e quer na frente de todo mundo.

A pergunta que ele faz é a melhor pergunta que alguém faz em todo o evangelho de Marcos. Que farei para herdar a vida eterna? Não é armadilha, não é teste, não é debate de escola. É a pergunta de quem tem tudo e percebeu que falta alguma coisa, o que costuma acontecer não aos vinte anos, mas depois que a conta bancária parou de ser um problema e o problema continuou.

❦

A primeira resposta não responde nada. Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus.

É uma recusa de elogio, e é elegante. O homem abriu com "bom mestre", que era formalidade lisonjeira, e recebeu de volta uma recusa do enquadramento inteiro. Não vamos começar por aí. Não vamos fazer esta conversa no registro do cumprimento.

Depois vem a lista de mandamentos, e ela merece atenção porque é seletiva. Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. São todos da segunda metade do decálogo, os que tratam da relação com os outros e não com Deus. E tem um item que não está no decálogo e que Marcos inclui do nada: não defraudarás.

É um acréscimo com endereço. Não roubar é uma coisa. Não defraudar é outra, e é a modalidade disponível a quem tem contrato, empregado, terra e salário para pagar. É o pecado que só cabe a quem tem com que cometê-lo. Dito a um homem de posses, no meio de uma lista que ele esperava recitar de cor, funciona como um cutucão.

Ele responde sem hesitar. Tudo isso guardei desde a minha juventude. E o texto não o desmente. Não tem ironia do narrador, não tem nota de rodapé sugerindo hipocrisia. Aparentemente era verdade. Estamos diante de um homem decente.

E então: e Jesus, olhando para ele, o amou.

Marcos é o mais econômico dos evangelistas. Não distribui adjetivos, não comenta sentimentos, não explica motivações. Em todo o evangelho dele, esta é a única vez em que ele registra esse afeto dirigido a uma pessoa específica. E a pessoa é alguém que, três linhas adiante, vira as costas.

Vale demorar nisso, porque contraria uma suposição bem enraizada, a de que o amor é a recompensa por uma resposta certa. Aqui ele vem antes, no meio, sem condição, e permanece depois. O homem foi amado enquanto ainda estava em pé na estrada, sem ter decidido nada, e continuou amado enquanto se afastava.

> *Ser querido por alguém não é o mesmo que ser convencido por alguém. As duas coisas se separam com uma facilidade que a gente prefere não admitir.*

Falta-te uma coisa. É uma frase gentil e é uma sentença. Uma só, depois de uma vida inteira de cumprimento, e a pendência é justamente a que não dá para pagar com o que ele tem, porque é o que ele tem.

Vai, vende tudo, dá aos pobres, e vem, segue-me.

Duas observações, e a ordem importa. A primeira é que essa exigência não é feita a mais ninguém nos evangelhos. Zaqueu devolve metade e é declarado salvo naquele dia. Pedro e os outros deixam barcos, mas as casas continuaram lá. José de Arimateia é rico e permanece rico. Não existe aqui um preço de tabela. Existe um diagnóstico individual. A frase é: falta a você.

A segunda é que a ordem termina em convite. Não é "vende tudo e sê pobre". É "vende tudo e vem comigo". Não estão pedindo que ele perca uma coisa. Estão pedindo que ele troque de coisa. O que torna a recusa mais compreensível, e não menos, porque trocar exige acreditar que o outro lado existe.

E ele vai embora. Marcos escreve que ficou pesaroso com aquela palavra e se retirou triste, porque tinha muitas propriedades.

A tristeza é a parte honesta, e é o que salva o personagem do desprezo. Ele não argumenta. Não pergunta se tem uma versão mais leve. Não diz que vai orar a respeito, não promete voltar depois, não acusa o mestre de radicalismo. Não faz nada do que nós faríamos.

Ele entendeu exatamente o que foi proposto, mediu exatamente o que aquilo custaria, escolheu, e ficou triste com a própria escolha. Isso é mais lucidez do que a maioria das pessoas exibe numa vida inteira. A maior parte de nós, diante da mesma frase, teria saído dali convencida de que a exigência não se aplicava ao nosso caso, e teria ido embora aliviada.

E ele é deixado ir. Ninguém corre atrás. Não tem segunda proposta, não tem desconto, não tem "espere, vamos conversar". O silêncio depois da saída dele é uma das coisas mais respeitosas do evangelho. A liberdade de recusar foi levada a sério.

O comentário que vem depois é dirigido aos discípulos, não a ele, que já sumiu na estrada. Como é difícil entrarem no reino de Deus os que têm riquezas. É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha.

Existe uma explicação muito difundida segundo a qual haveria em Jerusalém uma portinhola chamada "Fundo da Agulha", pela qual o camelo passaria de joelhos. É uma invenção medieval, sem qualquer apoio documental, e ela existe por um motivo transparente. Ela torna a frase administrável. Um camelo que passa com esforço é um problema de logística. Um camelo que não passa é outra coisa.

A reação dos discípulos confirma que eles ouviram a versão impossível. Ficam espantados e perguntam: então quem pode ser salvo? Se a prosperidade era, na leitura corrente, sinal de aprovação divina, e nem os aprovados entram, não sobra ninguém.

E a resposta é a única saída honesta. Para os homens é impossível, mas não para Deus. Não é uma negociação do valor. É a admissão de que ninguém paga a conta por conta própria, inclusive quem pode comprar quase tudo.

A história não tem final. O homem não volta. Marcos não diz o nome dele, não diz o que aconteceu depois, não informa se em algum momento, três anos ou trinta anos adiante, ele vendeu tudo.

A tradição inventou desfechos, porque desfecho aberto incomoda. Mas o texto simplesmente encerra com um homem triste andando de costas para a cena, com as suas muitas propriedades intactas, tendo sido olhado e amado por alguém que não o seguiu com os olhos.

O QUE ELE APRENDEU

Ele aprendeu uma coisa que ninguém queria aprender: descobriu o preço. Chegou achando que faltava um item na lista, alguma prática a mais que ele pudesse acrescentar à vida que já tinha. Saiu sabendo que o problema não era acrescentar. Era soltar.

E aprendeu sobre si mesmo. A tristeza dele não é fingimento nem birra. É o que acontece quando uma pessoa vê com clareza o que ela mais quer e o que ela não consegue largar, e percebe que as duas coisas não cabem juntas. Ele saiu dali sabendo exatamente quem era. Muita gente vive setenta anos sem chegar a essa conversa.

ENSAIO SETE

O homem rico, na estrada

Marcos 10

O QUE A GENTE APRENDE

Que dá para ser amado e ainda assim dizer não, e que o não continua sendo seu. Ninguém correu atrás dele, ninguém baixou o preço, ninguém o chamou de volta. A liberdade de recusar foi respeitada, o que é uma coisa séria e pouco confortável.

Que quase sempre a nossa pergunta é "o que mais eu faço", e quase nunca "o que eu solto". A primeira é mais fácil, porque cabe na agenda. A segunda mexe na estrutura.

E que a resposta dele foi mais honesta do que a nossa costuma ser. Ele não arrumou desculpa, não relativizou, não decidiu que a exigência era exagerada. Ficou triste, que é a reação correta de quem entendeu. Vale desconfiar quando a gente sai aliviado de uma conversa difícil: às vezes o alívio é só o sinal de que a gente não entendeu.

ENSAIO OITO

Mandaram Que Ele *Calasse*

Bartimeu, à saída de Jericó · Marcos 10

> *E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais.*
>
> MARCOS 10.48

ENSAIO OITO

Bartimeu, à saída de Jericó

Marcos 10

Os cegos curados nos evangelhos costumam ser anônimos. Este tem nome, e Marcos faz questão de dá-lo duas vezes na mesma frase: Bartimeu, o filho de Timeu. É uma repetição, porque o nome já significa exatamente isso, e repetições assim geralmente indicam que a pessoa era conhecida de quem contava a história. Alguém, naquela comunidade, sabia quem ele era. Ele virou alguém.

A cena é na saída de Jericó, com uma multidão considerável acompanhando. É Páscoa, a estrada está cheia de peregrinos subindo para Jerusalém, e um mendigo cego posicionado à beira do caminho num dia desses está no melhor ponto comercial do ano.

Ele não vê o que está acontecendo. Ouve. Ouve o barulho de gente passando e pergunta o que é. Alguém responde que é Jesus, o nazareno. E é a partir dessa informação de segunda mão, obtida por acaso, no meio da poeira, que ele toma a decisão da vida dele.

O que ele grita não é um pedido comum de esmola. É um título. Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim. Filho de Davi era fórmula messiânica, e usá-la em voz alta, na estrada, a poucos dias de Jerusalém, era uma declaração política com risco embutido. O cego mendigo é o primeiro personagem de Marcos a chamá-lo assim publicamente. Ele estava por fora de tudo e entendeu antes de todo mundo.

A reação da multidão é a parte que dói.

E muitos o repreendiam, para que se calasse. Não foram os inimigos. Não foram os fariseus, nem os soldados, nem os sacerdotes. Foram os que estavam indo junto. Os interessados, os simpatizantes, a comitiva. As pessoas mais próximas de Jesus naquele momento eram as que estavam mandando o cego calar a boca.

O motivo não é dito e não é difícil de imaginar. Havia um clima, havia uma marcha, havia uma expectativa, e um mendigo gritando na beira da estrada estragava a solenidade. Era constrangedor. Era barulhento. Era, principalmente, inconveniente, e a inconveniência é o crime mais punido em qualquer aglomeração humana.

Vale guardar isso, porque contraria a expectativa. Quem silencia o desesperado, na maior parte das vezes, não é o adversário declarado. É o público bem-intencionado que está tentando manter a ordem.

❦

E ele grita mais alto.

Marcos usa uma construção que reforça: clamava muito mais. Repreendido, ele aumenta o volume. Não argumenta com a multidão, não se justifica, não pede desculpa por estar atrapalhando. Simplesmente entende, com uma clareza notável, que aquela caravana não vai voltar a passar por Jericó, que ele não tem como correr atrás, e que a única ferramenta que ele tem é a voz.

É uma cena de má educação e é a coisa certa a fazer. Existem situações, poucas, mas existem, em que insistir depois de ser mandado calar não é teimosia. É sobrevivência.

> *Quem só pede uma vez está pedindo alguma coisa de que pode passar sem.*

❦

Jesus para e diz uma palavra: chamai-o. Não vai até ele, não o atende de longe. Manda a mesma multidão que estava mandando calar ir buscá-lo.

A virada de tom das pessoas é rápida demais para não ser engraçada. Os mesmos que repreendiam agora dizem: tem bom ânimo, levanta, ele está te chamando. Não houve arrependimento, não houve pedido de

desculpa, houve apenas uma mudança de informação sobre o que era socialmente aceitável. Multidões funcionam assim, e todo mundo já foi multidão em algum dia.

Aí vem o detalhe que faz este ser um dos melhores parágrafos de Marcos. E ele, jogando fora a capa, levantou-se e foi ter com Jesus.

A capa de um mendigo não era roupa. Era instrumento de trabalho. Estendida no chão à frente dele, era onde as moedas caíam. À noite, era o cobertor. Provavelmente era o único bem que Bartimeu possuía, e certamente o mais importante.

Um homem cego que joga fora a capa numa estrada movimentada não vai encontrá-la de volta. Ele não sabe onde ela caiu, não pode procurar, e tem duzentas pessoas pisando em cima. O gesto é irreversível, e ele faz isso antes de ter qualquer garantia. Antes da conversa, antes do pedido, antes de saber se aquilo ia dar em alguma coisa.

Vale colocar isso ao lado do capítulo anterior, que na verdade é o parágrafo anterior no texto de Marcos. Um homem rico foi convidado a se desfazer do que tinha e não conseguiu. Poucos versículos depois, um mendigo se desfaz de tudo o que tem sem que ninguém peça, correndo, para uma conversa que ainda nem começou. Marcos colocou as duas cenas juntas de propósito, e não precisou comentar nada.

A pergunta que ele recebe é, à primeira vista, absurda. Que queres que eu te faça?

O homem é cego, está mendigando na beira da estrada, e a pergunta parece uma formalidade cruel. Mas tem duas razões para ela, e as duas importam.

A primeira é de decência. Presumir a necessidade do outro é uma forma sutil de reduzir a pessoa à condição dela. Perguntar é tratá-la como

alguém que ainda tem vontade própria e o direito de dizer qual é. É a diferença entre atender uma pessoa e processar um caso.

A segunda é literária, e Marcos construiu com cuidado. Poucos versículos antes, dois discípulos, Tiago e João, se aproximam com um pedido, e recebem exatamente a mesma pergunta: que quereis que eu vos faça? A resposta deles é: dá-nos os melhores lugares, um à tua direita e outro à tua esquerda, na tua glória.

Mesma pergunta, dois pedidos. Os de dentro pedem posição. O de fora pede enxergar.

❦

A resposta de Bartimeu é de uma economia perfeita. Mestre, que eu recupere a vista. Nenhuma palavra sobra. Ele não pede dinheiro, não pede proteção, não pede um lugar entre os discípulos. Pede a única coisa que resolveria todas as outras, e pede com precisão.

A palavra que ele usa para "mestre" é uma forma carregada que Marcos preserva no aramaico original, e que não aparece mais em nenhum outro lugar do evangelho dele. É um tratamento quase íntimo. O mendigo que ninguém queria ouvir usa o vocativo mais afetuoso do livro.

❦

E então a frase final, que é onde a história desmonta a expectativa uma última vez. Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.

Ele foi liberado. Vai. Não houve convocação, não houve convite ao discipulado, não houve tarefa. Estava livre para voltar para casa, recuperar a capa se conseguisse, procurar a família que provavelmente não via havia anos, arranjar trabalho, viver a vida inteira que a cegueira tinha impedido. Ninguém o obrigou a nada.

Ele escolheu ir junto. E convém saber para onde ia aquela estrada. Era a subida para Jerusalém, na semana da Páscoa, no fim da qual está tudo o

que se sabe que estava. Marcos escreve "pelo caminho", uma expressão que ele usa ao longo do evangelho inteiro com um duplo sentido bem deliberado: a estrada de terra e a coisa toda.

A primeira coisa que aquele homem fez com a visão recuperada foi olhar para onde o grupo estava indo e ir junto assim mesmo. É um final estranho para uma história de cura, porque a cura não o levou para uma vida melhor. Levou-o para dentro da pior semana da história daquele grupo, com os olhos abertos, por opção. Pensando bem, talvez seja essa a definição mais exata de enxergar.

O QUE BARTIMEU APRENDEU

Ele aprendeu que a vergonha de incomodar custava mais caro do que o incômodo. Quando mandaram que ele calasse, ele fez a conta em dois segundos: aquela caravana não ia voltar, e ninguém ali ia interceder por ele. Então gritou mais alto. Foi a decisão certa e nenhuma pessoa educada teria tomado.

E aprendeu, jogando a capa fora, que segurar o que se tem às vezes é o que impede de chegar. Ele largou o único bem que possuía sem garantia nenhuma, no meio de uma multidão, sem poder procurar depois. Fez isso porque entendeu que a capa servia para a vida antiga, e que ele estava indo para outro lugar.

O QUE A GENTE APRENDE

Que insistir depois de ser mandado calar não é falta de educação em toda situação. Existem momentos em que a única ferramenta que sobrou é a voz, e usá-la vale mais do que a boa impressão que você deixaria calado.

Que quem manda a gente baixar o tom quase sempre é gente de boa-fé tentando manter a ordem, e não um inimigo. Isso não muda nada. A ordem que eles estão protegendo não vai resolver o seu problema.

E que existe uma diferença enorme entre pedir alguma coisa e pedir a coisa certa. Ele podia ter pedido dinheiro, comida, proteção. Pediu enxergar, que era o único pedido que resolvia todos os outros. Vale pensar duas vezes antes de gastar o seu único pedido numa consequência em vez da causa.

IX

ENSAIO NOVE

O Homem na *Árvore*

Zaqueu, em Jericó · Lucas 19

> *E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, porque era de pequena estatura.*
>
> LUCAS 19.3

É a mesma cidade do capítulo anterior. Bartimeu gritava na saída de Jericó. Zaqueu sobe numa árvore na entrada. Dois homens à beira da mesma estrada, no mesmo dia, e mais opostos impossível. Um sem nada, sentado no chão, gritando. O outro rico, correndo, escondido na folhagem, tentando não ser notado.

❦

Lucas o apresenta com uma palavra rara, que não aparece em nenhum outro lugar do Novo Testamento: chefe dos publicanos. Não é um coletor como Mateus. É um superior, alguém que administra uma região e recebe uma parte do que os coletores abaixo dele arrecadam. Ganha sem precisar sentar na coletoria.

E Jericó não era uma cidade qualquer. Era ponto de passagem de rota comercial, região de bálsamo e tâmara, com movimento constante de mercadoria atravessando fronteira. Chefiar a arrecadação ali era um cargo excelente. Lucas resume em três palavras: e era rico.

Tem também o nome, que é uma piada involuntária da história. Zaqueu vem de uma raiz hebraica que significa puro, limpo, justo. Os pais dele escolheram. A cidade inteira, provavelmente, achava engraçado.

❦

A frase sobre a estatura tem uma ambiguidade que o português esconde e o grego não resolve. Não fica claro se o baixinho é Zaqueu ou Jesus. Gramaticalmente, cabem os dois. A tradição sempre leu como sendo Zaqueu, e faz mais sentido na narrativa, mas é bom saber que existe uma pequena dúvida. Saber onde o texto é incerto ajuda a confiar nele onde não é.

De todo modo, o problema é de altura e de multidão. Ele não consegue ver por cima das pessoas, e é razoável supor que ninguém em Jericó tivesse a menor disposição de abrir espaço para ele. Um homem odiado não recebe cortesia em aglomeração.

Então ele faz duas coisas que um homem da posição dele não fazia. Corre à frente, e já vimos que correr era indigno para quem tinha túnica longa e cargo. E sobe numa árvore.

Convém imaginar a cena com honestidade, porque as ilustrações infantis a tornaram meiga e ela não é meiga. Um homem adulto, rico, poderoso, odiado pela cidade inteira, está agarrado ao galho de um sicômoro à beira da estrada principal, num dia de movimento, para conseguir enxergar um pregador que passa.

É ridículo. Ele sabia que era ridículo. E é exatamente por ser ridículo que a árvore funciona. Lá em cima, escondido na folhagem, ele podia ver sem ser visto. É o mesmo cálculo da mulher que tocou o manto por trás: chegar perto sem se expor. A diferença é que ela precisava de uma cura e ele precisava apenas olhar.

Ou pelo menos era isso que ele achava.

Jesus chega ao lugar, olha para cima e diz o nome dele.

Não tem explicação para isso no texto. Lucas não informa como o nome era sabido, e não convém preencher a lacuna com hipótese. O efeito na cena, porém, é imediato. O homem que se escondeu para não ser identificado é chamado, do chão, em voz alta, pelo nome próprio, na frente de todo mundo.

E a frase seguinte não é um convite. Desce depressa, porque hoje eu preciso ficar na tua casa. É um anúncio. Ninguém pediu licença. Um mestre itinerante acaba de se autoconvidar para a casa do homem mais malvisto de Jericó, e ao fazer isso transfere a ele a honra, e também o ônus, de ser anfitrião diante da cidade.

> *Existe uma forma de acolher alguém que é mais forte do que qualquer discurso: precisar de um lugar para dormir e escolher a casa dele.*

A reação é unânime, e Lucas registra o detalhe: todos murmuravam. Não "os fariseus", como em outras cenas. Não "os escribas". Todos. A multidão inteira, incluindo os simpatizantes, incluindo quem estava ali por admiração.

A frase que circula é: entrou para hospedar-se com um homem pecador. E é preciso admitir que a indignação tinha fundamento. Zaqueu não era um coitado incompreendido. Era um homem que enriqueceu com a miséria alheia, num sistema que ele conhecia e do qual se beneficiava no topo. As pessoas que murmuravam eram, muito provavelmente, pessoas que ele tinha lesado.

Essa é a parte que as leituras devocionais costumam apagar, e apagá-la estraga a história. O escândalo só é escândalo se a acusação for verdadeira.

O que Zaqueu faz em seguida não foi pedido por ninguém. Ele se levanta, em pé, diante dos convidados, e anuncia duas coisas. Metade dos bens vai para os pobres, e o que ele tiver tomado de alguém indevidamente será devolvido quatro vezes.

Vale fazer a conta, porque ela é o coração do episódio. A lei previa, para quem confessasse espontaneamente uma fraude, a devolução do valor acrescido de um quinto. Era o regime brando, e ele se aplicava exatamente ao caso dele. A restituição quádrupla estava prevista em outro lugar. Era a pena do ladrão de gado apanhado e condenado.

Ou seja: havia uma opção legal, disponível, generosa, e ele escolheu se aplicar a pena mais dura do código. Sem processo, sem acusação formal, sem ninguém exigindo. E depois de já ter dado metade do patrimônio, o que significa que a devolução quádrupla teria de sair da metade restante. Numa conta de homem que arrecadou irregularmente durante anos, isso provavelmente não fecha.

É um homem se arruinando em voz alta, à mesa, na frente de convidados, por iniciativa própria.

Tem uma leitura minoritária que merece registro, por honestidade. Os verbos gregos estão no presente, dou e restituo, e alguns intérpretes propõem que Zaqueu esteja se defendendo, e não se convertendo. Estaria dizendo que já é essa a sua prática, contra a fama que tem.

É uma leitura possível na gramática e improvável na narrativa, porque a frase que Jesus diz em seguida, hoje veio a salvação a esta casa, só faz sentido se alguma coisa mudou hoje. Mas vale saber que a dúvida existe. Textos antigos não são vitrines. São documentos, com juntas e frestas.

A resposta encerra a cena com uma frase que devolve a Zaqueu algo que ele tinha perdido antes do dinheiro: porque também este é filho de Abraão.

Não é uma promoção. É uma devolução de pertencimento. Aquele homem sempre foi do povo dele. A cidade é que tinha deixado de contá-lo. A frase não o transforma em outra coisa. Informa que ele nunca deixou de ser aquilo, e que a exclusão era administrada por gente, não decretada de cima.

Duas histórias de riqueza, dois capítulos de distância nos evangelhos, e dois desfechos opostos.

Ao homem rico da estrada foi dito exatamente o que fazer, e ele foi embora triste. A Zaqueu não foi dito nada. Ninguém mencionou dinheiro, ninguém exigiu devolução, ninguém pregou sobre justiça. Só houve um nome dito em voz alta e um pedido de hospedagem. E foi ele, sozinho, quem calculou a própria pena e a anunciou de pé.

O QUE ZAQUEU APRENDEU

Ele aprendeu que ainda era gente. Passou anos sendo a pessoa que ninguém queria por perto, e provavelmente já tinha se acostumado com isso, do jeito que a gente se acostuma com uma dor antiga. Aí alguém disse o nome dele em voz alta e pediu para dormir na casa dele, na frente da cidade que o detestava. Foi isso que quebrou o homem, e não uma cobrança.

E aprendeu, na mesma noite, que precisava devolver. Ninguém pediu. Ele mesmo escolheu a pena mais dura que a lei previa, quando tinha à disposição uma bem mais leve. É o comportamento de quem parou de se defender e passou a querer acertar de verdade.

O QUE A GENTE APRENDE

Que acolher alguém antes de cobrar dele costuma funcionar melhor do que o contrário, e é muito mais difícil de fazer. O rico do capítulo anterior recebeu a cobrança e foi embora. Zaqueu recebeu uma visita e se arruinou por conta própria.

Que arrependimento que não mexe no bolso é discurso. A conversão de Zaqueu tem número, tem prazo e tem prejuízo. Vale desconfiar de qualquer mudança que não custe nada a quem mudou.

E que a exclusão quase sempre é administrada por pessoas, não decretada pelo céu. A cidade tinha decidido que Zaqueu não era mais dali. Bastou alguém dizer o contrário para a decisão da cidade valer menos do que ela achava que valia.

X

ENSAIO DEZ

Quando a Multidão se *Dispersa*

A mulher acusada, no pátio do templo · João 8

> *E, ouvindo eles isto, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficou só Jesus e a mulher, que estava no meio.*
>
> JOÃO 8.9

Antes de qualquer coisa, uma nota que a honestidade exige e que a maior parte dos livros omite. Esta passagem não aparece nos manuscritos mais antigos de João. Ela circula na tradição manuscrita de forma instável. Alguns copistas colocam aqui, outros em outro ponto do evangelho, outros dentro de Lucas. A maioria dos estudiosos considera que ela não fazia parte do texto original.

Vale dizer isso e vale dizer o que se conclui daí, que não é o descarte. A cena foi preservada durante séculos por comunidades que tinham todos os motivos para deixá-la cair, porque ela é incômoda. Perdoa cedo demais, sem penitência, sem processo. Ninguém inventa uma história dessas para facilitar a própria vida. Ela sobreviveu contra o interesse de quem a copiava, o que é um tipo raro e respeitável de credencial.

❦

A cena é de manhã, no pátio do templo, com gente sentada em volta ouvindo. Escribas e fariseus chegam trazendo uma mulher e a colocam no meio.

A expressão do texto é literal: puseram-na no meio. Não é um lugar. É uma posição. Ela foi disposta como se dispõe um objeto sobre uma mesa para que os presentes examinem. Ninguém pergunta o nome dela. Ninguém pergunta nada a ela.

A acusação é apresentada com um detalhe que não teria por que estar ali: apanhada em adultério, no ato mesmo de o cometer. É informação processual e é humilhação pública ao mesmo tempo. As duas coisas costumam vir juntas quando alguém quer garantir que a plateia forme opinião antes do julgamento.

❦

E aqui está o buraco que atravessa a história inteira, e que qualquer leitor atento nota em cinco segundos. Onde está o homem?

ENSAIO DEZ

A mulher acusada, no pátio do templo

João 8

Adultério exige duas pessoas. A lei que eles invocam é explícita e prevê a mesma pena para os dois. Está escrito assim em Levítico e está escrito assim em Deuteronômio, sem margem. Se ela foi apanhada no ato, ele foi apanhado no ato. Se ele escapou, alguém o deixou escapar.

O texto não comenta a ausência. Não precisa. A ausência fala sozinha, e diz que aquilo não era aplicação da lei. Era a escolha seletiva de uma metade conveniente dela.

Porque o julgamento, é claro, não era dela. O texto diz com todas as letras: isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar.

A armadilha é bem construída. Se ele mandar apedrejar, estará instigando uma execução que a administração romana reservava para si, e haverá o que relatar ao governador. Se ele mandar soltar, estará publicamente contra Moisés, diante de testemunhas, no pátio do templo. Qualquer das duas respostas resolve o problema deles.

A mulher, nessa engenharia, não é ré. É isca. A vida dela é o material com que se monta o dilema de outra pessoa, e é por isso que ninguém se dá ao trabalho de lhe perguntar coisa alguma.

A primeira coisa que ele faz é abaixar-se e escrever no chão com o dedo.

Não se sabe o que ele escreveu. Ao longo de mil e quinhentos anos as hipóteses se acumularam. Os pecados dos acusadores, os nomes deles, a passagem de Jeremias sobre os que se afastam serem escritos na terra. Nenhuma tem base no texto. João não diz. Provavelmente o autor da cena, quem quer que tenha sido, sabia que não interessava.

O que interessa é a direção do olhar. Todos os presentes estão olhando para uma mulher exposta no centro do pátio. E a única pessoa importante ali resolve, naquele momento, olhar para o chão.

É possível que o gesto não tenha significado nada além disso. Tirar de cima dela um par de olhos, ganhar tempo, e obrigar os acusadores a repetirem a acusação em voz alta contra as costas de alguém que não os encara. Eles repetem. Insistiram, diz o texto, o que já é um dado sobre eles.

Ele se levanta e diz a frase. Aquele que dentre vós está sem pecado atire-lhe a primeira pedra.

Costuma ser lida como um apelo sentimental à humildade geral. Todos somos falhos, então ninguém julgue ninguém. Mas tem uma coisa mais precisa acontecendo, e ela é jurídica. A lei determinava que, numa execução por apedrejamento, as testemunhas de acusação lançassem as primeiras pedras. Não era detalhe cerimonial. Era o mecanismo pelo qual quem acusava assumia a responsabilidade pessoal pela morte que a acusação produzia.

Ele não revoga a lei. Aplica o procedimento dela e desloca a pergunta. Já que quem acusa executa, falemos de quem acusa. E, nesse caso específico, com um homem convenientemente ausente da cena, a idoneidade das testemunhas era um assunto especialmente delicado.

> *Ele não perguntou se ela era culpada. Perguntou quem estava em condições de matá-la.*

E aí vem o melhor parágrafo, que é uma descrição de física social. Saíram um a um, a começar pelos mais velhos.

Um a um. Não houve debate, não houve recuo coletivo, não houve alguém dizendo "vamos embora". Houve o esvaziamento silencioso e individual de um grupo que, cinco minutos antes, era uma unidade com uma exigência comum.

É assim que multidões funcionam. A coragem delas é emprestada do vizinho. Cada um se sustenta na presença dos outros, e ninguém confere o próprio saldo enquanto o grupo está inteiro. Basta que a pergunta seja individualizada para que a soma se desfaça. O primeiro que sai não anuncia nada. Simplesmente se afasta, e o segundo entende, e em pouco tempo o pátio está vazio.

E os mais velhos primeiro. Tem duas leituras, e as duas são boas. A idade traz memória, e quem viveu mais tem mais o que lembrar quando perguntam sobre pecado próprio. E a idade traz faro, porque os mais experientes costumam ser os primeiros a perceber quando uma posição virou insustentável e é hora de sair sem alarde.

Ficaram os dois. O texto diz que ela continuava no meio. A posição não mudou. O círculo é que sumiu.

E então a primeira pergunta que alguém lhe dirige em toda a cena. Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?

É uma pergunta com uma delicadeza técnica considerável. Ele não diz "eles foram embora". Faz com que ela olhe. Depois de ter passado a manhã inteira de cabeça baixa no centro de um pátio, ela é levada a levantar os olhos e constatar, por conta própria, que não tem mais ninguém em volta.

A resposta dela são duas palavras. É tudo o que ela diz na história inteira: ninguém, Senhor. Nenhum outro personagem dos evangelhos é tão pouco ouvido tendo tanto em jogo.

A frase final tem duas metades e as duas costumam ser mutiladas, cada uma por um grupo diferente.

Nem eu te condeno. É a metade que uns repetem sozinha, como se o episódio fosse sobre a abolição de qualquer juízo. Não é. Um tribunal acabou de se dissolver por falta de gente habilitada, e não por falta de fato.

Vai, e não peques mais. É a metade que outros repetem sozinha, com ênfase pastoral, esquecendo que ela vem depois. E a ordem das duas frases é a coisa mais importante do texto. Primeiro a condenação foi retirada, depois veio a exigência. Não houve prova de mudança como condição para a absolvição. Houve absolvição, e a mudança foi pedida a quem já estava fora do círculo de pedras.

Inverta a ordem e você tem outra religião inteira.

❦

Ela sai da história sem nome e sem uma palavra a mais. Não se sabe o que fez depois, se voltou para casa, se tinha casa, se a cidade a deixou em paz. É improvável, porque cidades não deixam.

O que sobrou dela foram doze versículos de autenticidade duvidosa que a igreja não conseguiu jogar fora, sobre uma manhã em que um grupo de homens corretos foi ao templo executar a lei e voltou para casa em silêncio, um por um, sem ter feito o que tinha ido fazer.

O QUE ELA APRENDEU

Ela aprendeu, na pior manhã da vida dela, que a certeza de um grupo inteiro pode não valer nada. Chegou ali como caso encerrado, com sentença pronta e plateia formada. Saiu vendo que a mesma gente que a tinha condenado foi embora sem conseguir sustentar a própria acusação.

ENSAIO DEZ

A mulher acusada, no pátio do templo

João 8

E aprendeu a ordem das coisas. Primeiro ela foi solta, depois ouviu o que devia mudar. Não teve que provar nada para ser poupada. Isso é diferente de tudo o que ela devia esperar, e é a diferença que ela levou embora.

O QUE A GENTE APRENDE

Que a coragem de uma multidão é emprestada. Enquanto o grupo está inteiro, ninguém confere a própria conta. Basta uma pergunta feita a cada um separadamente para a força coletiva evaporar. Isso vale para o pátio do templo, para o grupo de mensagem e para a mesa do bar.

Que a ordem entre perdoar e cobrar muda tudo. Se a cobrança vem primeiro, a pessoa passa a vida tentando merecer alguma coisa que talvez nunca receba. Se o perdão vem primeiro, a cobrança chega em alguém que já tem chão para se apoiar.

E que vale sempre perguntar quem está faltando na acusação. Naquele pátio tinha uma pessoa a menos do que a lei exigia, e a ausência dela dizia mais sobre os acusadores do que qualquer coisa que eles falaram.

XI

ENSAIO ONZE

A Última Hora

O condenado ao lado · Lucas 23

> *E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.*
>
> LUCAS 23.42

ENSAIO ONZE

O condenado ao lado

Lucas 23

Chamamos aquele homem de "o bom ladrão", e as duas palavras estão erradas. A tradição lhe deu até um nome, séculos depois. Nenhum evangelho o nomeia. Ele é o encontro mais curto deste livro, o único que acontece sem que ninguém possa se mover, e o único em que a pessoa não tem absolutamente nada a oferecer.

Comecemos pelo crime, porque a palavra "ladrão" domesticou a cena. Lucas usa um termo que significa malfeitor, genérico. Mateus e Marcos usam outro, que naquele período designava com frequência o bandido armado, o salteador de estrada, o insurgente. É a mesma categoria a que pertencia Barrabás, descrito como envolvido numa revolta com morte.

Isso importa porque a pena diz o crime. Crucificação não era punição para furto. Era o instrumento que Roma reservava à sedição e à revolta de escravos. Uma execução deliberadamente pública, lenta e exemplar, cujo objetivo declarado era desencorajar imitadores. Ninguém era crucificado por levar uma galinha.

Ou seja: o homem ao lado provavelmente não era um pequeno gatuno arrependido. Era alguém que tinha feito coisas sérias o bastante para merecer, do ponto de vista do império, o pior teatro disponível.

Tem uma dificuldade textual que convém não esconder. Mateus e Marcos dizem que os dois condenados o injuriavam. Só Lucas registra a virada de um deles.

As soluções possíveis são duas, e nenhuma é escandalosa. Ou as tradições divergem, o que acontece em narrativas antigas e não deveria assustar ninguém, ou um dos dois começou zombando e mudou no meio, o que, considerando quantas horas aquilo durava, é perfeitamente possível e humanamente muito verossímil. Gente muda de opinião sob pressão extrema, às vezes tarde, às vezes na última hora disponível.

Vale registrar, sem descrição desnecessária, uma condição física da cena. Aquela forma de execução comprimia a respiração. Falar exigia esforço deliberado. Cada frase custava fôlego que já estava em falta.

Isso transforma o diálogo em outra coisa. Não é uma conversa. É uma sequência de frases caras, ditas por homens que não podiam gesticular, não podiam se virar direito e não podiam se aproximar. Tudo o que se diz ali foi dito por alguém que decidiu gastar ar naquilo.

❦

O primeiro dos dois usa o fôlego para o escárnio. Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós.

É a mesma frase que a multidão está gritando lá embaixo, e é uma frase compreensível. Ele está morrendo ao lado de alguém que a cidade inteira dizia que fazia milagres, e o milagre não está vindo. A zombaria dele é feita de decepção, e decepção é o modo mais comum de a esperança se apresentar quando já não pode se apresentar de outro jeito.

Repare que o pedido inclui os dois. Salva-te e a nós. Mesmo o insulto contém um requerimento.

❦

A resposta do segundo é a parte notável, e é notável por não ser religiosa.

Ele diz três coisas, na ordem, e nenhuma delas é uma profissão de fé formal. Primeiro repreende o outro: nem ao menos temes a Deus, estando na mesma condenação? Segundo, declara a própria culpa sem atenuante: nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos atos mereciam. Terceiro, atesta a inocência do vizinho: mas este nenhum mal fez.

A segunda frase é a mais difícil de dizer que existe. Não é "eu errei", não é "as circunstâncias me levaram", não é "todo mundo faz". É a admissão sem desconto de que a pena corresponde ao ato. Ele não pede

clemência com base em injustiça, porque não houve injustiça no caso dele. Sabe exatamente por que está ali.

E a terceira é, em termos jurídicos, a única declaração de inocência registrada por uma testemunha ocular naquela colina. Foi feita por um condenado, sobre um condenado, sem qualquer proveito possível para quem a fez.

Então vem o pedido, e ele é minúsculo. Lembra-te de mim.

Não "salva-me". Não "tira-me daqui". Não "faz um milagre". Não pede sequer para ser perdoado, e a palavra não aparece. Pede para não ser esquecido. É o menor pedido possível, e é o pedido de alguém que já aceitou que não vai ter saída e que negocia apenas a memória.

Tem uma coisa terrivelmente humana nisso. Quando não sobra nada, a última coisa que uma pessoa quer é que fique registrado que ela esteve aqui. É o que faz alguém escrever o nome numa parede, gravar uma data numa árvore, pedir que contem a história dele depois. Ser lembrado é a versão mínima de continuar existindo.

Ele não tinha tempo para reparar nada, nem bens para devolver, nem vida para mudar. Tinha uma frase, e gastou a frase pedindo para não ser esquecido.

Este é o único dos doze encontros deste livro em que não existe continuação.

Nicodemos teve anos e levou trinta quilos de perfume ao sepulcro. A mulher do poço voltou correndo para a cidade. Mateus deu uma festa. Zaqueu devolveu quatro vezes. Bartimeu seguiu pela estrada. Todos

tiveram tempo depois, o suficiente para que a mudança se mostrasse em alguma coisa concreta, que é como a gente normalmente mede se uma mudança foi real.

Este homem não teve. Não haveria restituição, não haveria vida corrigida, não haveria testemunho, não haveria uma segunda-feira em que se pudesse verificar se ele estava falando sério. É o caso-limite, e é justamente por isso que a história foi guardada. Ela testa a regra na única situação em que a regra não pode ser cumprida.

❦

A resposta que ele recebe começa com uma palavra que Lucas usa mais do que qualquer outro evangelista, e sempre nos momentos decisivos. Hoje.

Hoje vos nasceu o Salvador, dizem os anjos no começo do livro. Hoje veio a salvação a esta casa, ele diz na sala de Zaqueu. Hoje se cumpriu esta escritura, diz na sinagoga de Nazaré. E agora, na última cena: hoje estarás comigo.

É uma palavra que recusa o adiamento. Não "um dia", não "no fim dos tempos", não "se tudo correr bem". Hoje, dito a um homem para quem "hoje" era literalmente tudo o que restava.

E a palavra seguinte é paraíso, que vale conhecer na origem. É um empréstimo do persa antigo, e significava um jardim murado, um parque cercado, o pomar particular de um rei. Não é uma abstração celeste. É um lugar com árvore, sombra e água.

A frase, portanto, é dita entre duas vigas de madeira, num descampado de execuções fora dos muros da cidade, e o que ela promete é um jardim. É difícil imaginar um contraste mais bem escolhido, e é difícil acreditar que tenha sido escolhido por acaso.

❦

Uma última observação, e é a que mais incomoda.

O condenado ao lado

Lucas 23

Nesse momento da narrativa, os discípulos tinham fugido. Pedro havia negado três vezes na noite anterior. As pessoas que passaram três anos ouvindo tudo, vendo tudo e sendo instruídas em particular estavam ausentes ou escondidas.

E o homem que, segundo Lucas, disse a coisa mais correta daquele dia, que reconheceu a própria culpa, atestou a inocência do outro e o tratou como alguém que teria um reino, era um criminoso executado, sem formação, sem histórico, sem tempo, que tinha conhecido Jesus havia poucas horas e apenas de perfil, porque não conseguia virar a cabeça.

Não tem como transformar isso numa lição sobre mérito. É o oposto exato de uma lição sobre mérito. E talvez seja por isso que a cena atravessou dois mil anos incomodando todo mundo que gostaria que as contas fechassem. Porque ela mostra alguém entrando pela porta certa no último minuto, sem currículo, e ninguém no texto reclama.

O QUE ELE APRENDEU

Ele aprendeu, nas últimas horas de vida, a dizer a verdade sobre si mesmo sem atenuante. Não culpou o sistema, não falou em circunstância, não pediu clemência alegando injustiça. Disse que estava recebendo o que merecia. Poucas pessoas conseguem essa frase com trinta anos de terapia e ele conseguiu pendurado numa cruz.

E aprendeu que dava para pedir alguma coisa mesmo sem ter nada. Ele não tinha tempo, dinheiro, saúde, reputação nem futuro. Tinha fôlego para uma frase. Usou a frase para pedir a coisa mais barata que existe, ser lembrado, e recebeu muito mais do que pediu.

O QUE A GENTE APRENDE

Que nunca é tarde do jeito que a gente pensa que é. A história dele está no evangelho justamente para tirar essa desculpa de circulação. Se o último minuto conta, o meio da tarde de hoje também conta.

Que assumir a própria parte é o começo de tudo, e é a parte que a gente mais evita. Enquanto a conversa for sobre o que os outros fizeram com você, não tem por onde começar. Ele começou dizendo o que ele mesmo tinha feito.

E que a conta não fecha por mérito, para ninguém. Ele não tinha nada com que pagar, e é exatamente essa a razão de a cena ter sido guardada. Se dependesse de currículo, o homem mais preparado da colina teria sido outro, e ele estava fugindo.

XII

ENSAIO DOZE

Café da Manhã na *Praia*

Pedro, ao amanhecer · João 21

> *E, sendo já manhã, Jesus se apresentou na praia; mas os discípulos não conheceram que era Jesus.*
>
> JOÃO 21.4

O último capítulo do último evangelho não termina com uma ascensão, um discurso ou uma comissão solene diante de multidões. Termina com sete homens cansados, um fogo de brasas na areia, peixe assado, pão, e uma conversa constrangedora entre dois deles enquanto os outros cinco fingem que não estão ouvindo.

❦

Pedro diz: vou pescar. É a frase mais triste do capítulo, e a mais fácil de entender.

Três anos antes ele tinha largado as redes. Depois disso houve tudo o que houve, incluindo a noite em que jurou que morreria junto e a madrugada em que disse três vezes que não conhecia o homem. Agora está de volta ao lago, com o mesmo barco, com os mesmos companheiros, fazendo a mesma coisa que fazia antes de qualquer coisa ter acontecido.

Não é abandono da fé. É o que as pessoas fazem quando não sabem o que fazer. Voltam para a tarefa que conhecem, porque ela ocupa as mãos e não exige decisão. Quem já atravessou um desmoronamento pessoal reconhece o movimento. A gente volta ao trabalho antigo não por convicção, mas porque é o único lugar onde ainda se sabe o que fazer com o corpo.

E não pegaram nada. Aquela noite, nada. O texto registra o fracasso sem comentar, e o comentário é dispensável. Nem a vida antiga estava mais funcionando.

❦

Ao amanhecer tem um homem na praia que eles não reconhecem. A pergunta que ele faz atravessa a água: filhos, vocês têm alguma coisa de comer?

É uma pergunta de quem quer comprar peixe, do tipo que qualquer um faria de manhã cedo à beira de um lago. E a resposta é a palavra mais curta e mais amarga possível: não.

ENSAIO DOZE

Pedro, ao amanhecer

João 21

Sete pescadores profissionais, uma noite inteira de trabalho, e a única coisa que eles têm a informar a um desconhecido é não. Antes de qualquer reconhecimento, antes de qualquer milagre, o capítulo obriga Pedro a dizer em voz alta que voltou ao que sabia fazer e não deu certo.

Vem então a rede do lado direito, e a pesca absurda, e o número que João faz questão de anotar: cento e cinquenta e três peixes. Ninguém sabe por que ele conta. Houve muita especulação simbólica ao longo dos séculos, nenhuma convincente, e a explicação mais provável é a mais simples. Alguém contou os peixes naquela manhã, porque pescador conta, e quem contou nunca esqueceu.

João, o discípulo, reconhece primeiro: é o Senhor. Pedro age primeiro. Veste-se, detalhe curioso, porque normalmente a gente tira roupa para nadar, e se joga na água.

É perfeitamente coerente com tudo o que sabemos sobre ele. Pedro é o homem dos gestos grandes e mal calculados. O que puxa a espada no jardim, o que quer andar sobre a água, o que promete morrer junto. Aqui ele mergulha e nada até a praia, deixando os outros seis com o trabalho de arrastar a rede. E tem uma boa chance de ele ter nadado com pressa não por entusiasmo, mas porque cem metros de água dão uns dois minutos para pensar no que dizer.

Na areia tem um fogo aceso. E é aqui que João faz a coisa mais delicada do evangelho inteiro.

A palavra grega que ele usa para esse fogo, um braseiro de carvão, aparece exatamente duas vezes em todo o Novo Testamento. Uma é aqui. A outra está três capítulos antes: o braseiro no pátio do sumo sacerdote, onde os servos e os guardas se aqueciam na noite fria, e onde Pedro ficou

de pé, esquentando as mãos, e negou três vezes que conhecia aquele homem.

É o mesmo cheiro. Carvão queimando tem um cheiro específico e persistente, e é o mais eficiente dos gatilhos de memória. João não explica nada. Ele simplesmente escolhe a palavra e deixa lá, e qualquer leitor do primeiro século que tivesse acompanhado a história entendia sem ajuda.

A restauração de Pedro é montada em cima do cheiro da noite em que ele falhou.

❦

Tem duas coisas sobre esse café da manhã que valem ser vistas juntas.

A primeira: quando eles chegam, já tem peixe no fogo e já tem pão. A refeição estava pronta antes de eles pescarem qualquer coisa. Nada do que eles fizeram naquela noite era necessário para que houvesse comida.

A segunda: ele pede o peixe deles assim mesmo. Tragam do peixe que vocês acabaram de pegar. Não precisava. Pediu.

As duas coisas ao mesmo tempo dizem uma coisa que nenhuma das duas diria sozinha. A mesa não depende do que você traz, e o que você traz é colocado nela.

❦

Depois de comerem, e é importante que a conversa venha depois e não antes, porque ninguém é interrogado de estômago vazio, vem a pergunta. Simão, filho de Jonas, tu me amas mais do que estes?

Duas coisas nessa formulação. Ele não o chama de Pedro, a pedra. Chama pelo nome de nascimento, o nome de antes de tudo. E acrescenta uma comparação, mais do que estes, que é um eco cruel de uma frase que o próprio Pedro tinha dito: ainda que todos te abandonem, eu não te abandonarei.

A resposta é notavelmente humilde para os padrões dele. Não repete a comparação, não se defende, não explica. Diz apenas: Senhor, tu sabes que

eu te amo. E o "tu sabes" é a única credencial que sobrou para ele, porque a palavra dele já não vale nada e os dois sabem disso.

A pergunta vem três vezes. E o texto registra que Pedro se entristeceu por ele ter perguntado pela terceira vez.

Três perguntas para três negações. É simétrico e é impiedoso, e não dá para fingir que não seja. A gentileza da cena não está em poupar. Está em fazer isso ali, à beira de um lago, com café da manhã, e não num tribunal.

Tem uma discussão antiga sobre os dois verbos gregos usados para "amar" nesse diálogo, e sobre se a troca de um pelo outro significaria um degrau a menos no amor de Pedro. Vale saber que ela existe e vale saber que está longe de resolvida. No mesmo trecho, João também alterna as palavras para ovelhas, para apascentar e para saber, o que sugere variação de estilo mais do que teologia. É um bom lugar para praticar a modéstia interpretativa.

O que não depende de grego nenhum é a estrutura. Uma pergunta para cada negação, feita na frente das mesmas pessoas diante de quem ele havia prometido. A queda foi pública. A recuperação também.

E repare no que não é pedido.

Não tem "por que você fez aquilo". Não tem "explique-se". Não tem exigência de arrependimento verbal, de promessa de fidelidade futura, de compensação. A noite do pátio não é mencionada nenhuma vez. Está no cheiro do carvão e em nenhum outro lugar.

A única pergunta é sobre o presente: você me ama agora? E a cada resposta segue-se não uma absolvição, mas uma tarefa. Apascenta os meus cordeiros. Pastoreia as minhas ovelhas. Apascenta as minhas ovelhas.

A reabilitação não vem em forma de perdão declarado. Vem em forma de serviço devolvido. É a diferença entre dizer a alguém que está tudo bem e entregar a ele de novo a chave da loja.

> *Ser perdoado é ouvir que não há dívida. Ser restaurado é receber trabalho de volta.*

❦

Este livro começou com um homem que atravessou a cidade de noite porque não teve coragem de atravessá-la de dia. Termina numa praia, ao amanhecer, com peixe no fogo.

Entre uma coisa e outra passaram doze pessoas que não têm quase nada em comum. Um professor respeitável e um bandido executado. Uma mulher que buscava água ao meio-dia para não encontrar as vizinhas e um chefe de arrecadação empoleirado numa árvore. Quatro sujeitos que destruíram um telhado e uma dona de casa irritada com a irmã. Um mendigo que se recusou a calar e um homem rico que foi embora sem dizer mais nada.

Não tem um padrão. Uns mudaram de vida, outros mudaram de humor, um foi embora, um morreu na mesma tarde. Alguns não têm nome. Nenhum deles saiu do encontro com instruções completas sobre o que fazer da vida.

A única coisa que se repete nas doze cenas é mais simples e mais difícil de imitar do que qualquer doutrina. Cada uma daquelas pessoas foi olhada com atenção por tempo suficiente para ser reconhecida. O paralítico foi visto através de um buraco no teto. A mulher que não queria ser vista foi procurada numa multidão até aparecer. O nome de Zaqueu foi dito em voz alta enquanto ele se escondia na folhagem. Bartimeu foi chamado depois de mandarem que se calasse. E Pedro, que tinha voltado para o

barco por não ter para onde ir, encontrou alguém na praia que já tinha acendido o fogo e perguntou, três vezes, a única coisa que ainda podia ser respondida com verdade.

É pouco e é quase tudo. Ser visto inteiro, inclusive na parte que a gente organiza a vida para esconder, e não ser destruído por isso.

O QUE PEDRO APRENDEU

Ele aprendeu que voltar para trás não funciona. Pegou o barco de novo, com os mesmos companheiros, no mesmo lago, e passou a noite sem pegar nada. A vida antiga não estava mais lá para receber ele de volta, e descobrir isso foi provavelmente a coisa mais assustadora daquela madrugada.

E aprendeu que não ia precisar explicar. Ele deve ter nadado aqueles cem metros ensaiando uma justificativa, e a justificativa nunca foi pedida. Ninguém mencionou o pátio, ninguém mencionou o galo, ninguém cobrou promessa nova. Só perguntaram, três vezes, se ele amava. Ele descobriu ali que a conversa não era sobre o passado dele. Era sobre se ele ainda estava dentro.

O QUE A GENTE APRENDE

Que perdão e restauração são duas coisas diferentes, e a gente costuma parar na primeira. Dizer a alguém que está tudo bem alivia. Devolver a essa pessoa uma responsabilidade de verdade é o que a coloca de pé de novo.

Que o conserto costuma acontecer no mesmo lugar onde a coisa quebrou. O cheiro do carvão na praia era o cheiro da noite da negação. Não foi crueldade. Foi voltar ao ponto exato e passar por ele de outro jeito.

E que a pergunta certa é sempre sobre agora. Não "por que você fez aquilo" nem "o que você promete daqui pra frente", mas "como você está hoje, e o que você quer daqui". As duas primeiras prendem. A terceira solta.

As passagens, e onde o texto é disputado

Abaixo estão as doze passagens, para quem quiser ler os originais antes ou depois dos ensaios. Ler é sempre melhor, porque são textos curtos e são melhores do que qualquer comentário sobre eles. Estão indicados também os pontos em que o texto bíblico é incerto ou em que os estudiosos discordam. Um livro que esconde as juntas do material com que trabalha não merece confiança.

❦

1 · Nicodemos. João 3.1-21. As duas reaparições estão em João 7.45-52, a objeção de procedimento diante do conselho, e João 19.38-42, o sepultamento. A ambiguidade da palavra grega *anōthen*, que significa tanto "de novo" quanto "do alto", é reconhecida por praticamente todos os tradutores. Nenhuma língua moderna consegue carregar os dois sentidos.

2 · A mulher samaritana. João 4.1-42. A hipótese de que ela ia ao poço ao meio-dia para evitar as outras mulheres é tradição interpretativa, não afirmação do texto. A leitura dos cinco maridos como história de descarte, e não de apetite, também é interpretação. É plausível diante do direito matrimonial da época, mas segue sendo interpretação.

3 · O paralítico de Cafarnaum. Marcos 2.1-12, com paralelos em Mateus 9.1-8 e Lucas 5.17-26. A descrição do telhado de vigas, ramos e barro socado vem da arqueologia doméstica da Galileia do primeiro século. Lucas, escrevendo para leitores de fora da Palestina, adapta a cena e fala em telhas.

4 · Mateus, ou Levi. Mateus 9.9-13, com paralelos em Marcos 2.13-17 e Lucas 5.27-32, que o chamam de Levi. A identificação das duas figuras como a mesma pessoa é tradicional e majoritária, embora não unânime. O epíteto "o publicano" na lista dos doze está em Mateus 10.3, e apenas ali.

5 · A mulher que tocou o manto. Marcos 5.21-43, com paralelos em Mateus 9.18-26 e Lucas 8.40-56. As regras de impureza estão em Levítico 15.25-30. A observação de que Lucas ameniza a crítica aos médicos vem da comparação direta

entre Marcos 5.26 e Lucas 8.43. Vale notar que alguns manuscritos de Lucas omitem inteiramente a passagem sobre os gastos.

6 · Marta e Maria. Lucas 10.38-42. As reaparições estão em João 11.1-44, onde Marta faz a confissão de fé, e João 12.1-2, onde ela serve. A expressão "assentar-se aos pés" como posição de discípulo aparece também em Atos 22.3, na descrição que Paulo faz da própria formação.

7 · O homem rico. Marcos 10.17-31, com paralelos em Mateus 19.16-30 e Lucas 18.18-30. Lucas acrescenta que ele era um príncipe, e a designação "jovem" vem de Mateus. O mandamento "não defraudarás" está em Marcos e não faz parte do decálogo. A história do portão chamado "Fundo da Agulha" não tem qualquer apoio documental antigo e aparece apenas em comentaristas medievais.

8 · Bartimeu. Marcos 10.46-52, com paralelos em Mateus 20.29-34, que fala em dois cegos, e Lucas 18.35-43, que situa a cena na entrada de Jericó e não na saída. A pergunta idêntica feita a Tiago e João está em Marcos 10.36.

9 · Zaqueu. Lucas 19.1-10. O regime de restituição com acréscimo de um quinto está em Levítico 6.1-5 e Números 5.5-7. A pena quádrupla está em Êxodo 22.1. A leitura dos verbos no presente como defesa, e não como conversão, é minoritária, mas defendida por intérpretes sérios.

10 · A mulher acusada. João 7.53 a 8.11. A passagem falta nos manuscritos gregos mais antigos e melhores, aparece em posições variadas na tradição manuscrita e é considerada por larga maioria dos especialistas um acréscimo posterior ao texto de João. A exigência de que as testemunhas lancem as primeiras pedras está em Deuteronômio 17.7. A pena para os dois envolvidos está em Levítico 20.10 e Deuteronômio 22.22.

11 · O condenado ao lado. Lucas 23.32-43. Mateus 27.44 e Marcos 15.32 dizem que ambos os crucificados o injuriavam. Só Lucas registra a mudança de um deles. O nome Dimas aparece pela primeira vez no Evangelho de Nicodemos, um texto apócrifo bem posterior. A palavra "paraíso" é empréstimo do persa antigo, com o sentido de jardim murado.

12 · Pedro restaurado. João 21.1-19. A palavra grega para o braseiro de brasas, *anthrakia*, ocorre no Novo Testamento apenas aqui e em João 18.18. A alternância entre os verbos *agapaō* e *phileō* é debatida há séculos e não está resolvida. No mesmo trecho, João também alterna as palavras para ovelhas, apascentar e saber, o que enfraquece a leitura de que a variação carregue peso doutrinário.

As citações seguem a tradução de João Ferreira de Almeida, revista e corrigida, em domínio público. Onde a construção antiga prejudicava a compreensão, a cena foi recontada em prosa própria e apenas a frase decisiva foi citada. Quem quiser comparar traduções vai encontrar diferenças de peso em pelo menos três dos doze textos, e comparar é sempre instrutivo.

✦

Ser visto *inteiro.*

Cada uma daquelas doze pessoas foi olhada
com atenção por tempo suficiente
para ser reconhecida.

É pouco e é quase tudo.

SOL E MAR · VOLUME 007

SOL E MAR

Um sol não cobra para nascer.
O mar não cobra para existir.

✦

Editora independente sem fins lucrativos. Este livro é distribuído gratuitamente em PDF e EPUB, sem cadastro e sem custo, sob licença Creative Commons para uso não comercial.

contato@solemar.com

VOLUME 007 · OS QUE ELE ENCONTROU